

unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

**Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

RENAN AUGUSTO CARVALHO

O FUTEBOL NA SOCIEDADE CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA



ARARAQUARA – S.P.

2021

RENAN AUGUSTO CARVALHO

O FUTEBOL NA SOCIEDADE CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin

ARARAQUARA – S.P.

2021

C331f

Carvalho, Renan Augusto

O futebol na sociedade capitalista contemporânea / Renan Augusto
Carvalho. -- Araraquara, 2021

80 f. : tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Ciências Sociais) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e
Letras, Araraquara

Orientador: João Carlos Soares Zuin

1. Neoliberal. 2. Futebol. 3. Jornalismo esportivo. 4. Torcidas
Ultras. 5. COVID-19. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

RENAN AUGUSTO CARVALHO

O FUTEBOL NA SOCIEDADE CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof.º Drº João Carlos Soares Zuin

Data da defesa/entrega: 07/06/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof.º Drº João Carlos Soares Zuin
Universidade Estadual Paulista.

Membro Titular: Profº Drº Carlos Henrique Gileno
Universidade Estadual Paulista.

Membro Titular: Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida Chaves Jardim
Universidade Estadual Paulista.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

A meu pai, minha mãe e sobretudo a todos aqueles que estiveram comigo em momentos tão difíceis.

AGRADECIMENTOS

Esta trajetória que durou 6 anos não foi fácil. Para fins de classificação, separei em três momentos: a difícil situação em permanecer na universidade pública estando desempregado; o ritmo acelerado de trabalho e estudos, residindo em uma cidade próxima de Araraquara; a pandemia da COVID-19, que infelizmente vem tirando vidas ao decorrer do mundo e desgastando, no plano psicológico, a saúde coletiva de quem continua saudável.

Com isso, a minha eterna gratidão será aos meus pais, Izabel e Renato, que estiveram do meu lado nestes momentos tão difíceis e ofereceram mais do que aquilo que eles podiam. A minha vitória é a vitória de vocês.

De igual tom, meus agradecimentos se endereçam à minha companheira Leticia, que das mais diversas maneiras possíveis me ajudou tanto durante este longo caminho.

Aos meus amigos da graduação, que fizeram com que esta empreitada fosse menos difícil.

Ao meu orientador Prof.º Dr. João Carlos Soares Zuin, com sua imensa paciência e bom grado nos mais diversos momentos que me vi perdido no decorrer deste trabalho.

Ao meu amigo Flávio que, durante esta jornada, compartilhamos inúmeros conhecimentos.

Por fim, ao ProFut, o Grupo de Estudos dos Aspectos Pedagógicos e Sociais da Universidade de São Carlos (UFSCAR), propiciando importantes debates que contribuíram para a redação da monografia.

Ao sul do mundo, este é o itinerário do jogador com boas pernas e boa sorte: de seu povoado passa para uma cidade do interior; da cidade do interior passa a um time pequeno da capital do país; na capital, o time pequeno não tem outra solução senão vendê-lo a um time grande; o time grande, asfixiado pelas dívidas, vende o a um outro time maior de um país maior; e finalmente o jogador coroa sua carreira na Europa. Nesta corrente, os clubes, os donos do passe e os intermediários ficam com a parte do leão. E cada elo confirma e perpetua a desigualdade entre as partes, do desamparo dos times de bairro nos países pobres até a onipotência das sociedades anônimas que administram na Europa o negócio do futebol em nível mais alto (GALEANO, 2004, p.251-252).

RESUMO

Os esportes em geral se concebem enquanto um universo autônomo. No entanto, sua relação interna e externa carrega elementos do tempo histórico a qual se situa. Nesse sentido, a finalidade do presente trabalho é a identificação dos espaços futebolísticos (quadros) a qual a racionalidade do capitalismo neoliberal está presente: o jornalismo esportivo, as torcidas ultras e o contexto da pandemia do COVID-19. Ainda que em tais cenários aparentemente distantes entre si, se buscou estabelecer suas relações com o capitalismo contemporâneo centradas em tais perspectivas: a mercadorização do futebol, o descompromisso com a política e a lógica de extração do trabalho.

Palavras-chave: Neoliberal. Futebol. Jornalismo esportivo. Torcidas ultras. COVID-19.

ABSTRACT

Sports in general conceive themselves as an autonomous universe. However, its internal and external relation carry elements of historical time which is situated. In this sense, the purpose of the present work is to identify the football atmosphere (frames) on which the rationality of neoliberal capitalism is present: the sports journalism, the ultra support and the COVID-19 pandemic context. Even in such seemingly distant from each other scenarios, sought to establish its relations with contemporary capitalism centered on such perspectives: the football marketing, the disengagement with politics and the logic of extraction of work.

Keywords: Neoliberal. Football. Sports journalism. Ultra support. COVID-19.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Calendário do futebol alemão desde sua interrupção até sua finalização..... 59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Programas ao vivo em TV aberta.....	38
Gráfico 2 - Programas ao vivo em TV fechada.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Programas esportivos em rede aberta.....	34
Tabela 2 - Programas esportivos em rede fechada	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A GLOBALIZAÇÃO DA ECONOMIA E DA POLÍTICA: A REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL A PARTIR DO MODELO NORMATIVO DO NEOLIBERALISMO	14
1.1 A queda das fronteiras espaciais: o fenômeno da globalização	18
1.2 O peso dos Jogos Olímpicos na mercantilização de produtos esportivos e a disseminação da cultura consumidora no esporte	27
1.3 O futebol midiático e performático	32
1.4 O contato com o futebol: a televisão no Brasil	34
2 O FUTEBOL E A IDEOLOGIA DO APOLITISMO	40
2.1 Os nexos entre a indústria cultural e o jornalismo esportivo	40
2.2 Entre a política e a apolítica: as torcidas ultras.....	52
3 O FUTEBOL EM TEMPOS DE PANDEMIA OU A PANDEMIA EM TEMPOS DE FUTEBOL?...	57
3.1 Entre a aceleração e a desaceleração: o futebol e seus correlatos	58
3.2 Futebol brasileiro: a política do “pão e circo”?	62
3.3 A situação do jogador no cenário pandêmico: a manifestação da racionalidade neoliberal à brasileira.....	66
3.4 A megamáquina do futebol: a necessidade de continuar.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

Todo e qualquer fenômeno social apresenta, além de suas formas aparentes, mecanismos ocultos que escapam à primeira vista. Levando em consideração este fator, uma possível resposta da pergunta “o que é o futebol?” se orientaria a destacar simplesmente sua condição de um esporte que se pratique coletivamente, ou melhor, o esporte que é praticado e exibido cotidianamente pela televisão comercial. O esforço em responder esta pergunta não somente simplificaria excessivamente este importante elemento cultural, como também esgotaria suas outras possíveis compreensões e possivelmente a trataria em termos do senso comum.

Nesse sentido, a pergunta a qual este trabalho se refere é outra: conforme nos demonstra Goffman (1983), perguntar “o que eu estou vendo?” quando me refiro ao futebol, em específico no contexto da sociedade capitalista contemporânea, é possível estipular e compreender seus respectivos quadros que auxiliam na compreensão de suas múltiplas determinações. Com isso, segundo Nunes (1993), os quadros podem ser de ordem natural e social, distinguindo de cada contexto histórico e social sua devida compreensão do que seja resultado da natureza ou aquilo que foi socialmente construído.

Os quadros, portanto, são uma fonte de experiência cotidiana que permite ao sociólogo a compreensão de suas dinâmicas situacionais que as envolvem. Levando em consideração que a abordagem e compreensão sociológica dos quadros demandam uma compreensão espaçotemporal e seu ordenamento interno, as preocupações detidas aqui estão contextualizadas nas principais transformações ocorridas no mundo nos últimos anos. Além do mais, visando enquadrar as situações que os indivíduos estão situados, ou seja, de dotar de sentido e significado as representações que o futebol realiza nos indivíduos, o presente trabalho tem como orientação três diretrizes: em primeiro lugar, a constituição do atual tempo histórico pautado pelo capitalismo financeiro e pelo modelo de racionalidade impetrada pelo neoliberalismo.

A segunda parte do trabalho tem por finalidade compreender as lógicas que legitimaram e veicularam a prática do futebol de alto rendimento: a televisão comercial através do jornalismo esportivo. Além de propagar cotidianamente uma alta carga de valores provenientes do mundo do mercado, a televisão comercial capta de forma significativa a ideologia do apolitismo, separando o futebol dos horizontes políticos da sociedade. Tal panorama foi possível de diagnosticar a partir da realização de um estudo empírico acerca dos programas esportivos que são transmitidos diariamente na televisão

comercial, captando a excessiva carga de tais programas que comportam as principais emissoras televisivas no Brasil.

Conferindo ao presente tempo histórico uma importância inaudita que será responsável por desestruturar a dinâmica da sociedade por anos, compreender o futebol no contexto de pandemia foi de fundamental importância. O que se buscou compreender no terceiro capítulo foi o seu alinhamento com a lógica extrativa do capitalismo neoliberal, prevalecendo a necessidade da continuação de uma prática que promove aglomerações em um contexto que, no plano ideal, haveria de ser interrompida.

O esforço empreendido na elaboração do presente trabalho monográfico tem o objetivo, portanto, de estabelecer importantes chaves de leitura tanto para a sociedade capitalista, quanto para o futebol.

1 A GLOBALIZAÇÃO DA ECONOMIA E DA POLÍTICA: A REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL A PARTIR DO MODELO NORMATIVO DO NEOLIBERALISMO

A hegemonia do capitalismo durante boa parte do século XX foi possível a partir da aproximação entre a democracia liberal e a economia de mercado, resolvendo assim uma contradição destacada tanto pelo liberalismo quanto pelo marxismo. Sua viabilidade histórica foi tributária à competição partidária em conjunto com o Welfare State keynesiano, no qual foi possível arranjar a política e a economia de modo muito peculiar: uma alta taxa de empregabilidade com fortes investimento do setor público, em conjunção com partidos políticos organizados a partir de orientações ideológicas (havendo uma variedade de entidades representativas orientadas com tais filiações partidárias) e, por fim, a força política da social democracia são fenômenos que captam esta forma específica do capitalismo.

O modo de produção fordista garantia altas taxas de produções que, a partir de uma pretensão política salarial, escoava um consumo em massa que fazia jus a este cenário. Além do mais, o Welfare State keynesiano era responsável por conferir um robusto sistema de proteção social: a partir de elevadas taxas de contribuição do assalariado, seu acesso a serviços públicos fundamentais conferia-lhe estabilidade ante a esse quadro institucional de natureza política e econômica (OFFE, 1984; PRZEWORSKI, 1988).

Observa-se, no entanto, que entre a década de 1960 e 1970 fora promovido uma série de políticas nos países desenvolvidos que representaram uma mudança significativa neste quadro, independentemente de sua disposição ideológica. Nas políticas monetárias e econômicas foram adotadas medidas de teor flexível, passando de uma taxa de câmbio fixa para uma taxa de câmbio flutuante e um distanciamento da intervenção governamental na economia de mercado. Essas políticas não representam apenas uma reordenação do capitalismo; elas são tributárias à refundação intelectual do liberalismo já germinada desde o século XIX. Esse quadro indica uma clara orientação para um novo momento histórico do capitalismo, uma “nova razão do mundo”, segundo Dardot e Laval (2016).

Além das destacadas personalidades políticas e econômicas que consagraram esse novo momento histórico, a etimologia da palavra pode gerar grandes erros conceituais. Como “neoliberalismo” pode ser compreendido uma reconfiguração do liberalismo clássico, reatualizando para a sociedade contemporânea alguns prognósticos, recomendações e políticas daquelas experienciadas desde o século XIX. Apesar de haver

uma certa aproximação de fundo etimológico e intelectual entre ambas as perspectivas teóricas, o fenômeno do neoliberalismo e suas implicações na sociedade são elementos inauditos. Ainda assim, é possível estabelecer os âmbitos nos quais o neoliberalismo ultrapassou as limitações teóricas do liberalismo, em específico sua capacidade em responder a crises de âmbito governamental.

Em entrevista recente de Wendy Brown (2018), a filósofa estadunidense destaca a importância da consideração do neoliberalismo não somente como uma ideologia ou como um conjunto de políticas econômicas adotadas que visam uma maior liberdade do mercado, mas sim uma forma de racionalidade que não escapa a qualquer elemento da sociedade. Eles são responsáveis por gerar um conjunto de valores que reconfigura as formas tradicionais de compreensão da política, do Estado, da sociedade, da economia, do indivíduo, do trabalho, etc.

Esta forma de compreensão do neoliberalismo enquanto uma “racionalidade política” remonta as contribuições teóricas do filósofo Michel Foucault. Um dos principais princípios deste tipo de racionalidade é a “generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação”. Desta forma, portanto:

O termo racionalidade não é empregado aqui como um eufemismo que nos permite evitar a palavra “capitalismo”. O neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo, de um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral da vida (DARDOT; LAVAL, 2016, p.17).

O Colóquio Walter Lippmann em 1938 bem como a Sociedade Mont Pèlerin em 1947 foram as organizações responsáveis por refundar as bases intelectuais do liberalismo e elaborar o tipo de racionalidade supracitado (os *think tanks* que, atualmente, se avolumam ao redor do mundo como uma instituição importante nas eleições de candidatos, sobretudo de um espectro político à direita). Figuras como Ludwig Von Mises, Friedrich Hayek, Milton Friedman, Walter Eucken, Franz Böhm, são as principais referências destas instituições.

Dado a consolidação deste novo modelo de racionalidade política, suas ações estarão centradas a partir da década de 1980 no desarranjo do quadro político e econômico do Estado de Bem Estar Social, provocando profundas instabilidades políticas e econômicas nas sociedades ocidentais. Margaret Thatcher na Inglaterra e Ronald Reagan nos Estados Unidos foram os sujeitos políticos que melhor representaram esta forma distinta de política, relacionando o Estado como o transgressor da moral e agente da

corrupção, identificando no mercado o ente responsável por arranjar as virtudes morais da sociedade.

O conjunto de políticas adotadas que mudou significativamente a vida da classe trabalhadora estavam voltadas a uma prevalência e independência do sistema financeiro como produtor, maximizador e acumulador da economia capitalista. Distanciando da forma anterior do capitalismo que encontrara na indústria seu campo de produção e acumulação, o capitalismo financeiro se configurará, conforme aos termos do sociólogo italiano Luciano Gallino (2011), como uma “megamáquina” responsável por alcançar todos os elementos da existência humana.

Buscando recuperar o tempo perdido marcado pela valorização da classe trabalhadora em matéria de salário real, melhoria de qualidade de vida, acesso ao consumo, conquistas de ordem sociais e políticas em geral, uma das grandes marcas deste tempo histórico é a adoção de políticas que invertem a redistribuição de renda: elas passam a se orientar a um sentido vertical. Considerando o período de 1973 a 2005, Gallino (2011) aponta um decréscimo na renda per capita da classe trabalhadora (de 31.000 a 30.000 dólares anuais), enquanto a renda do 1% mais rico saltou 8 vezes, passando de 375.000 a 1.200.000 dólares.

A figura do trabalhador flexível é resultante deste processo. Se em um primeiro momento esta categoria fora criada com a promessa de tornar o trabalho laboral menos penoso e tedioso, ela levou a classe trabalhadora a uma constante sensação de risco e incerteza. Além de provocar um esgotamento psíquico e físico do indivíduo devido sua forma de estar no mundo, ela impactará de forma decisiva nos projetos de vida, um elemento simbólico criado para que a sociedade permaneça em constante movimento na economia capitalista.

A conjunção desta série de sintomas que se fazem presente objetiva e subjetivamente na sociedade contemporânea, dentre as quais: a hegemonia do capitalismo financeiro, a figura do trabalhador flexível, a constituição da civilização-mundo, e a constante sensação do risco, incerteza e imprevisibilidade, não surgiram de forma natural. Tanto no senso comum quanto nos meios acadêmicos, essa compreensão de um nascimento natural da nova ordem mundial possibilitou que algumas compreensões fossem produzidas, tais como: a tomada do Estado pelo capital; a debilidade da soberania nacional; a incompetência da gestão estatal em matérias econômicas. Pelo contrário, esse processo foi possível a partir de construções políticas gestadas a partir da década de 1980, em uma urgência do Estado ser gerenciado a partir de princípios e mecanismos do

universo empresarial. O léxico que é possível acessar cotidianamente através de discursos políticos, da cobertura diária das notícias pelos principais meios de comunicação, das publicidades de produtos de consumo demonstra essa tendência: termos como eficácia, mercado, eficiência, desempenho, oportunidades, maximização, possuem uma grande força conceitual e ideológica.

Além do modelo de trabalho flexível, o universo formal do trabalho passará por profundas mudanças. Ele será espaço de sucessivas, constantes e irracionais competitividade, cabendo ao indivíduo o esforço de mostrar sempre um algo mais para o acesso e a manutenção no emprego. Com isso, o trabalho passará a adquirir novas lógicas que até então não eram de seu escopo.

O sociólogo francês Alain Ehrenberg (2010) destaca a inserção do esporte e da aventura com a finalidade de buscar um *ethos* formativo no espaço da empresa, uma norma social que será homogeneizadora e se expandirá a todos os membros da sociedade civil. Esse processo tem como consequência um custo físico e psíquico, seja na vida individual ou coletiva: a existência de uma ampla cultura da medicalização, ressignificando toda compreensão cientificamente concebida acerca da relação entre indivíduo e o uso de drogas – se entorpecer, neste novo momento histórico, é uma forma para aguentar os excessivos graus de competição na vida social.

No bojo das profundas transformações ocorridas no espaço da empresa, a figura do empreendedor será ressignificado. A abordagem marxista responsável por desvendar as contradições no mundo do trabalho, revela que a obtenção de lucro levava a uma compreensão entre polos antagônicos e dicotômicos entre o empregador e o assalariado, configurando assim a moderna luta de classes. A história das instituições ocidentais demonstra que o conflito é inerente a esta relação: para sua mediação, havia inexoravelmente a necessidade da existência de sindicatos, capazes de garantirem que ambos os lados cumpriram suas determinações contratuais.

O que se verifica, no entanto, é uma mudança de paradigma na sociedade capitalista neoliberal. O empreendedor não é mais aquele que representa a síntese do processo de exploração e espoliação da mão de obra assalariada; agora, ele é genuinamente a norma da conduta, conjugando em torno de si todas as qualidades responsáveis por realizar este *ethos*. Como tal inflexão foi possível? Alain Ehrenberg (2010) nos relega um relato do industrialista italiano Carlo de Benedetti, no qual sintetiza esse processo:

(...) meus aliados não são o *establishment*, nem os partidos políticos, nem os bancos – são as pessoas comuns, pois eu sou, a seus olhos, uma demonstração do possível. Elas confiam em mim porque pensam que sou honesto e, principalmente, porque sou uma expressão do possível. Se você tomar um grande patrão italiano, Agnelli, você não pode sonhar em se tornar Agnelli. Nasce-se Agnelli; não se torna um. Em compensação, pode-se tornar Benedetti – há milhares de empreendedores na Itália que podem desejar e esperar isso. Eles partem de uma situação semelhante, e o tempo que é preciso não parece ser uma duração mítica, mas uma duração realista (*LÉ DEBAT apud EHRENBERG*, 2010, p.56).

A partir das profundas mudanças ocorridas no trabalho, na política, na economia e na cultura, o indivíduo é a única e principal unidade da civilização-mundo¹ – ao afirmar a inexistência da sociedade, Margaret Thatcher pontua de forma assertiva a antropologia desta sociedade. O empreendedor passa a ser o modelo a se seguir, o exemplo a ser espelhado, o personagem que deve ser confiado na conduta dos negócios públicos e privados, fazendo com que o indivíduo haja como um empreendedor em todas as instâncias de sua vida, buscando promover ao tempo toda sua própria marca. Esse movimento é legitimado socialmente através de exemplos que vangloriam as virtudes da arte de empreender: desde a educação até o cenário político, há sempre uma dinâmica social que sugere sua própria valorização.

1.1 A queda das fronteiras espaciais: o fenômeno da globalização

A “primeira modernidade”, termo elaborado pelo sociólogo alemão Ulrich Beck (2011), é composta por um conjunto de normas, regras e instituições que marcaram o sentido da sociedade durante boa parte do século XX. Uma economia fortemente dominada pela política no pós guerra, a existência de meios institucionais de resolução de conflitos (o sindicato, o partido político e o parlamento) e a bipolarização do mundo foram responsáveis por definir o “breve século XX”, segundo o historiador britânico Eric Hobsbawm (1995).

Os trágicos acontecimentos das guerras sucedidas em solo europeu demonstraram tanto o teor obscuro que a ciência – compreendida e cultivada, em suas origens, como o meio paradigmático de melhorar a humanidade através do intelecto – poderia ser revestida, quanto antecipava o risco eminente que a sociedade passaria a conviver. Com

¹ O termo é destacado por Luciano Gallino, revelando que o fenômeno da globalização associado ao capitalismo financeiro realizou a constituição de uma civilização formada em âmbito planetário. VER: Gallino, 2011.

isso, é possível pontuar uma vertiginosa passagem de época a partir de um grande fenômeno na década de 1980: o imprevisível e catastrófico impacto ambiental, social, político e econômico que representou o acidente de Chernobyl e outros semelhantes. Segundo Beck (2011), não nos referimos mais a um tempo histórico em que todos os acontecimentos sociais poderiam ser submetidos a era de ouro da ciência e do previsível; a “segunda modernidade” é marcado agora pelo risco não previsível, pela debilidade da ciência em realizar uma de seus maiores expedientes: a previsão do futuro. O futuro, portanto, é reconfigurado em seu sentido e significado.

Na “primeira modernidade”, a principal crença nutrida sobre o tempo foi sua capacidade enquanto elemento redentor, no qual não havia outra maneira de significar o trágico século XX: a força transformadora do amanhã seria responsável por trazer a paz, a abundância, os direitos civis, políticos e sociais dos despossuídos. Em certa medida, a construção do Estado social no pós-guerra foi o fator fundamental para legitimar esta crença no porvir.

Todo esse conjunto de crenças, costumes e valores, e ainda instituições políticas, econômicas, sociais e produtivas, compõe aquilo que o filósofo italiano Carlo Galli (2010) denominou como geometrias políticas. Compreende-se, nesse sentido, que espaço e política seriam algo indissociáveis, um axioma que obedece a seguinte lógica: todo o espaço conforma uma determinada política e toda política se desenvolve em um espaço social.

No entanto, os anos 1989-1991 foram responsáveis por acelerar profundas transformações ocorridas durante todo o século XX. A partir da queda do Muro de Berlim em 1989 e o fim da União Soviética em 1991, ou seja, a vitória histórica do capitalismo sobre o comunismo contribuiu também para a vitória de valores, de uma determinada concepção de mundo em que vigora o capitalismo financeiro e desterritorializado e as sempre crescentes inovações tecnológicas.

Os horizontes espaço temporais são amplamente afetados nesta conjuntura. Não falamos mais das geometrias políticas de Carlo Galli que continha uma certa configuração temporal e espacial, mas sim o tempo acelerado e irreversível e o espaço amorfo que foram amplamente afetados pelas profundas transformações ocorridas no espaço e no tempo nos últimos anos do século XX. Nesta era de ampla aceleração social, há três formas que ocorrem conjuntas e se impactam, reconfigurando o tempo, o espaço, a política, a economia e, sobretudo, a antropologia humana (ROSA, 2019).

Em primeiro lugar, a aceleração técnica ou tecnológica, é caracterizada por um conjunto de “processos direcionados a um objetivo”. A aceleração de transportes, bem como a aceleração da transmissão de informações e a aceleração de circulação de bens e serviços, foram responsáveis por gerarem alguns problemas sociais. O primeiro é de ordem espacial: o aumento da velocidade média de locomoção ao decorrer dos séculos ocasionou o fenômeno da contração do espaço, no qual distâncias são medidas, avaliadas e qualificadas a partir do parâmetro temporal. O segundo problema é a virtualização de processos materiais que abrange diversas esferas da contemporaneidade: nesse aspecto, portanto, há a ocorrência de uma grande consequência para o processo de aquisição e transmissão de informações. Com isso, a aceleração técnica pode ser compreendida também pela “produção mais veloz de bens, a transformação mais ágil de matéria e energia e, embora em menor proporção, a aceleração dos serviços” (ROSA, 2019, p.144).

O segundo tipo de aceleração social abordado em sua obra é a aceleração da mudança social. Segundo o autor, trata-se da “velocidade na qual, de um lado, práticas e orientações de ação, e, de outro, estruturas associativas e modelos de relação se modificam” (ROSA, 2019, p.147). A partir de conceitos como a contração do presente e a não contemporaneidade do contemporâneo, Rosa delimita a definição desta categoria nos seguintes aspectos:

Assim, a aceleração da mudança social pode ser definida como um aumento das taxas de expiração de experiências e expectativas orientadoras da ação, e como encurtamento dos intervalos de tempo que, para cada esfera funcional, de valor e de ação, podem ser determinados como presente (ROSA, 2019, p.152).

A célebre máxima marxista “tudo que é sólido se desmancha no ar” adquire aqui uma potencialidade inaudita. As grandes mudanças nos meios de transportes, comunicação e produção destacadas por Hartmut Rosa (2019) geraram um grande problema social: o fenômeno da obsolescência, que gera por si só um incentivo ascendente no âmbito do consumo. Este fenômeno modifica as relações humanas, nos quais os vínculos afetivos deixam de ser importantes para suas relações, formatando um vultoso acontecimento de liquefação dos laços sociais.

Por fim, a terceira forma de aceleração social é compreendido por Rosa como aceleração do ritmo de vida. Caracterizada pelo “escasseamento de recursos temporais”, tal fenômeno pode ser percebido tanto em seu aspecto objetivo quanto subjetivo. A primeira delas se verifica a partir de um ganho nas tarefas a serem realizadas, no qual

possam ser feitas a partir da redução entre o término de um afazer e o início de outro, ou a execução de múltiplas tarefas de uma só vez. De modo subjetivo é a percepção mais imediata deste amplo processo de aceleração social: é o sentimento de que o tempo nunca é suficiente, manifestando uma vontade de que o dia tenha mais de 24 horas – um grande paradoxo: quanto mais tempo disponível, maior será a existência de episódios de ação.

Esses três tipos de acelerações marcaram o desenvolvimento da modernidade, ganhando um impulso escalonar nos últimos anos do século XX. Eles foram responsáveis por configurar o fenômeno da globalização, que independente da forma pelas quais a sociologia se debruçou para compreendê-las – Rosa destaca compreensões centradas em três análises: processual, novo estado social e projeto político – há algumas características fundamentais: a perda da relevância do espaço em detrimento do tempo, o desmonte de instituições construídas na “primeira modernidade” e a debilidade da política democrática em lidar com esse fenômeno histórico. Na medida em que a política não é mais capaz de conduzir a sociedade, os indivíduos encontram-se corriqueiramente a uma definição de situacionalidade, no qual o passado tem muito pouco a dizer e o futuro é marcado pela incerteza – o fenômeno da “contração do presente”, segundo Rosa. Neste sentido, a política passa a ter as seguintes características:

(...) a política perde seu papel de *estabelecadora de ritmo* da aceleração social, e se torna uma *política situacional*. O âmbito político cai sob as forças heterônomas da aceleração de um modo dramático, pela seguinte relação: *as mesmas forças que comprimem o tempo disponível para os processos deliberativos produzem, por outro lado, uma complexificação das matérias sobre as quais se deve deliberar*. Os desenvolvimentos tecnológicos aventam cada vez consequências mais profundas e de difícil mensuração (como as tecnologias nucleares e genéticas), de modo que exigem uma cautela maior quando se transformam em objeto de deliberação. O alto contingenciamento econômico, sobretudo pela imprevisibilidade e volatilidade dos mercados financeiros, também demanda a construção de prognósticos cada vez mais acurado. Ou, então, as reivindicações cada vez mais diversas dos movimentos que se orientam por uma política da diferença (a lógica dos guetos), minando as bases convencionais que forneciam certos princípios para as tomadas de decisão, demandam da política uma permanente revisão de pressupostos, temporalmente custosa (TZIMINADIS, 2018, p.93-94, grifo do autor).

A configuração predominante da política durante boa parte do século XX eram possíveis devido às geometrias políticas da modernidade. A grande fábrica nacional funcionando através da produção fordista e abrangendo um elevado número de funcionários em seu interior, além de suas dimensões políticas e econômicas para o

Estado-nação, era responsável também pelo seu caráter ideológico: a grande massa de trabalhadores ali empregados compreendiam sua condição no processo produtivo, possibilitando a construção da consciência de si. Nesse sentido, além da condição passiva de trabalhadores que respondiam a horários preestabelecidos e cumpriam os objetivos de sua produção, eles transformam-se na força política do proletariado.

Este grande espaço do Estado-nação privilegiava a forma tradicional da política democrática: o engajamento através dos partidos políticos e dos sindicatos promoviam educação política que tinham como objetivo a representação política dos vários grupos sociais. A destituição das geometrias políticas levados a cabo pela globalização levou a uma significativa mudança no “fazer político”.

Escrevendo um decênio após a vitória do capitalismo sobre o comunismo, Carlo Galli (2001) destaca que, na entrada do milênio, a democracia se substanciaria pela democracia virtual. Segundo o filósofo italiano, a ampla utilização da pesquisa de opinião confundiria o público com o privado, impossibilitando a realização da política democrática. Ora, este fenômeno se acentuou nos últimos anos, a partir da existência das diversas redes sociais no qual o contato do político com o eleitorado se realiza além do espaço e do tempo, através de uma linguagem acessiva que tem por finalidade a busca da mobilização massiva.

Como destaca o filósofo coreano Byung Chul-Han (2015), a compreensão acerca a mobilização das massas de Gustave Le Bon tinha por finalidade demonstrar o perigo que o conjunto de indivíduos organizados em torno de um mesmo agrupamento social poderia causar quanto a política democrática e a civilização. Havendo a necessidade do sujeito “diminuir-se” de seu elemento individual para a massa adquirir sua importância e vitalidade, a coesão social deste grupo é tamanha que os poderes institucionais poderiam sucumbir.

No entanto, no atual tempo histórico esta configuração de multidões está presente em um novo formato: através do modelo virtual. Nesta conjuntura, o modelo de redes agrupa indivíduos isolados, não mais uma coletividade uniforme e homogênea. Aspirando cada vez mais por atenção, necessitando de que sua voz seja ouvida, o código tecnológico permite que os sujeitos sejam um “Alguém anônimo” (HAN, 2015, p.24).

A não existência de espaços sociais e políticos que possibilitam a formação de valores, ideologias, comportamentos e normas de condutas, os distanciam de se realizarem como uma massa agrupada e mobilizada em torno de objetivos comuns. Ao não serem mais capazes de atacar as relações de poder dominantes – segundo Byung-

Chul Han (2015), a escalada do egoísmo e a atomização da sociedade são os principais elementos que freiam a capacidade de organização coletiva –, ficam restritos pura e simplesmente a ataques a indivíduos. Ao manifestarem um significativo deslocamento do entendimento em torno das necessidades sociais, como também ao demonstrarem uma ineficácia na compreensão acerca da origem dos problemas societários – uma certa relação entre o global e o local –, suas expressões políticas refletem o fenômeno da individualização.

Segundo Beck e Beck-Gernsheim (2002), este fenômeno sociológico que foi pouco desenvolvido pela sociologia dominante, é um dos reflexos do “individualismo institucionalizado”. Entende-se pelo termo que todas as instâncias e construções sociais e políticas da sociedade moderna provocaram um desequilíbrio que se manifesta em uma importância extremada do indivíduo ante a sociedade. Nesse sentido, a individualização destrói todas as regras básicas de convivência social.

Além do mais, a individualização implica que, de um lado, foram desfeitos todos os modelos referenciais que orientavam as ações dos indivíduos. Por outro lado, há novas exigências, normas, controles e valores que os indivíduos são impactados. Não se trata, portanto, do apagamento do social, mas justamente de sua reconfiguração. A individualização torna-se, desta forma, um elemento que o indivíduo não realiza a partir de seu “cálculo racional”, mas sim através de um constructo político desta “nova razão do mundo”. Segundo as palavras dos autores:

A individualização é uma compulsão, ainda que paradoxal, para criar, para encenar, não apenas a própria biografia, mas os laços e redes que a circundam e para fazer isso em meio a preferências mutáveis e em etapas sucessivas da vida, adaptando-se constantemente às condições do mercado de trabalho, do sistema educacional, do Estado social e assim por diante (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p.23-24).

Ao não possuir mais modelações fixas e predeterminadas que contribuem para o homem se espelhar, ocorre uma vertiginosa mudança antropológica: ele torna o *homo optionis*, na medida que todas as esferas de sua vida social é uma questão de escolha. Segundo Beck e Beck-Gernsheim (2002), o papel que antes a rotinização do mundo desempenhava no sentido de pautar as ações individuais, o que se processa agora é que o indivíduo é o responsável por realizar tais ações de forma autônoma, tendo a liberdade de escolha como seu principal artifício.

Apesar de que em um primeiro momento é possível aferir que as agrupações sociais como classes, grupos e partidos desempenham uma atuação diminuta devido ao processo de individualização, as desigualdades sociais não seguem aos mesmos princípios. Pelo contrário, os problemas sociais aumentam justamente devido o processo de individualização, dado que o Estado social é incapaz de formular medidas adequadas para seu confronto. Além do mais, a existência de posturas autoritárias se hegemoniza e se amplia democraticamente, encontrando nos espaços das redes o meio adequado para sua externalização.

Neste processo, a tendência geral é que todos os indivíduos construam sua biografia, ainda que ela represente uma inserção constante e contundente em um estado generalizado de risco. Segundo Beck e Beck-Gernsheim (2002), apesar de se demonstrar uma imagem de felicidade extrema em conjunto com um consumo exponencial, isto pode escamotear o declínio a porvir. Este fenômeno é propagado e levado adiante pelos principais meios de comunicação em massa, que veiculam ostensivamente através da cultura do consumo o modo de vida da sociedade ocidental, operando a partir de uma oferta de serviços, no qual leva o indivíduo a estar em constante competição em busca de sua vitória.

Os mecanismos que satisfazem esse indivíduo politicamente devem ser, a todo momento, reinventados. Mergulhado no fenômeno do individualismo, sua relação com a política deve estar compreendida através de mecanismos de mercado, no qual o contestável exercício da cidadania se realiza agora a partir da escolha individual. Nesse sentido, devido a viciosa transformação egoística do homem, a política democrática torna-se supérflua. Realizando plenamente o ideário da racionalidade neoliberal, votar e comprar se equivalem, diminuindo significativamente, no plano da consciência, a importância cívica do voto.

Nesta nova razão do mundo impetrada pelo neoliberalismo, os indivíduos devem, a partir de suas próprias faculdades, a estarem em um constante processo de encontrar sua felicidade. Nesse sentido, não à toa a felicidade ganhou um grande impulso com o advento do neoliberalismo: é este componente que está imbuído de pressupostos individualistas. Segundo Cabanas e Illouz, a felicidade é um importante elemento do neoliberalismo por proporcionar um “discurso legítimo, universalizante e apolítico para o individualismo – um discurso que concebe a própria vida como separada da comunidade e que vê o eu interior como a causa e a raiz de todos os comportamentos” (CABANAS; ILLOUZ, 2019, p.63).

Nesse constructo político, há inúmeras “ciências” que são responsáveis por sua realização. Concentrando esforços na busca de uma “fórmula da felicidade”, tais teorias atestam que a felicidade se encontra até mesmo na genética dos indivíduos. Nesse sentido, é dispensável todo o traço subjetivo que forma os indivíduos, colocando em seu lugar uma fórmula engessada, fixa e imutável que tem por finalidade alcançar a felicidade de um número cada vez maior de pessoas.

As críticas que se destinam a este conjunto de cientistas, invariavelmente da área da psicologia, residem na sua desconsideração com o social, dado que nenhuma circunstância ou mudança na vida das pessoas tenham alguma validade para a determinação da felicidade. Compreendendo que a renda, o bem-estar material não impacta na felicidade, logo o crescimento econômico não deve ser um dos objetivos da política governamental, ficando situada, dessa forma, em um estado de inércia. Trata-se, no entanto, do oposto: o aumento no bem-estar material equivale a um aumento da felicidade.

Ainda que tais estudos relegam a uma minoridade a relevância de fatores sociais no bem-estar, eles não são capazes de demonstrar alguma aproximação que validam tal afirmação, tampouco buscam realizar qualquer tipo de autocrítica. Seu escopo de atuação visa fechar os olhos dos indivíduos nas intempéries da vida contemporânea, em busca pura e simplesmente da felicidade. Aquém de toda essa problemática, a fórmula aqui é buscar olhar para nós mesmos para produzir mudanças, dado que qualquer tentativa de mudanças externas pode produzir frustrações.

Retrair-se a si mesmo transformou-se no novo mote da vida contemporânea, dado os abalos e as incertezas provocadas a partir da crise financeira de 2008 – não à toa, Cabanas e Illouz (2019) associam este marco temporal com a aceleração de novas ciências que individualizam questões sociais. Com isso, a resposta para todos os problemas reside no indivíduo, promovendo o apagamento da possibilidade de organização e construção coletiva.

Esta busca desenfreada pela felicidade, pelo desempenho, pela otimização das relações sociais contribui para que leve o indivíduo à sua exaustão, fazendo com que ele recorra à inúmeros profissionais, métodos e possibilidades de compreensão do mundo que alimenta um mercado enorme, levando a descobrir a si mesmo e até mesmo a perder seu medo da liberdade. Dado todo esse panorama, o crescimento e importância de terapias psicológicas atua na medida de tratar estas crises:

A crescente oferta e demanda por terapias, serviços e produtos de felicidade nos últimos anos deve de fato ser interpretada como sintomas e causas da crescente tendência cultural de olhar para dentro na busca das chaves psicológicas e da força de vontade para lidar com a incerteza, lidar com os sentimentos de impotência e encontrar soluções para as situações de insegurança das pessoas (CABANAS; ILLOUZ, 2019, p.73).

A construção da consciência individual, seja por qualquer meio que houver, é um importante panorama que tais horizontes se aplicam. O *mindfulness*, como exemplo de uma destas práticas, abarca boa parte das intervenções clínicas e das produções acadêmicas. Movimentando um capital que gira em torno de U\$ 1 bilhão por ano (CABANAS; ILLOUZ, 2019), tal método se expande para o domínio das empresas. Buscando maximizar sua produtividade e distanciando do horizonte a viabilidade da classe trabalhadora organizada, elas têm aderido ao *mindfulness* como maneira de melhor adequar o trabalhador ao cenário produtivo, colaborando para que o comportamento dos indivíduos seja mais “produtivo e flexível”.

Através do individualismo e da compreensão de que tudo é devido a uma causa individual, a interiorização de sentimentos e perspectivas levam os indivíduos a deixarem de compreender que os dilemas socialmente vividos foram resultados de conjunturas socioeconômicas. Nesse sentido, segund os autores, “não é a sociedade que precisa de reforma, mas os indivíduos que precisam se adaptar, mudar e melhorar” (CABANAS; ILLOUZ, 2019, p.75). Ao provocar o esgotamento do indivíduo neste novo contexto histórico, o *mindfulness* aprofunda o sentimento de depressão e ansiedade, criando uma desvinculação da realidade ao estar centrado excessivamente em uma perspectiva egóica. Esse individualismo exacerbado é um formato que todos esses métodos de interiorização acabam realizando.

Como um movimento que se realiza por uma via contrária, o incentivo pela felicidade a qualquer custo, correlacionada ao fato do aumento exponencial do individualismo nas sociedades, estabelece como consequência o aumento de sentimentos psicológicos perturbadores como a depressão e até mesmo o suicídio. Além do mais, se apresentar como uma pessoa que não é feliz é o sinônimo de ter uma vida fracassada, é perder o potencial que a economia neoliberal promove: a sua própria valorização.

Visando à formação ampla desta racionalidade política, as políticas educacionais são impactadas, visando a inculcação de sentimentos individualistas e de felicidade, inserindo no indivíduo ações que o possibilitem a melhor se adaptar na sociedade

contemporânea. Com isso, os objetivos da educação são transformados significativamente: não é mais ensinado as operações oriundas do ensino, mas sim valores e pontos de vista – no caso, a felicidade e o individualismo – que são respectivos a esta nova ordem mundial.

Se inserindo de forma enfática na nova economia capitalista, a felicidade associada com o fenômeno da individualização ganha êxito tanto no sentido material, quanto imaterial. De um lado, se constrói a percepção objetiva que a busca da felicidade leva a uma vida melhor; por outro lado, há uma construção educacional que visa justamente sua legitimação no plano da consciência dos indivíduos. Em síntese, sua eficácia ideológica está contida na separação da política da vida dos indivíduos quanto a seus projetos de vida.

1.2 O peso dos Jogos Olímpicos na mercantilização de produtos esportivos e a disseminação da cultura consumidora no esporte

Nesta conjuntura, a mercantilização do esporte passa a ser um dos elementos de forte disseminação da cultura neoliberal do capitalismo contemporâneo. A partir da mercantilização de eventos esportivos, disseminando produtos e marcas nas principais ligas e torneios do mundo, o esporte-espetáculo tornou-se um dos mais importantes propagandistas das grandes marcas mundiais.

O marco das intrincadas relações do marketing esportivo se inicia com a marca Adidas, iniciando um processo que indissociavelmente ligava o jogador à marca. Segundo Proni, a ideia era “associar o mito olímpico à sua marca” (PRONI, 1998, p.84). O movimento de saída do amadorismo esportivo foi impulsionado pela própria Adidas, na medida que passou a realizar vultosos contratos milionários que tinha por objetivo fornecer material esportivo. A maximização desta esfera de influência por parte da marca é conquistada em 1980, quando a Adidas torna-se a fornecedora da Copa do Mundo. No entanto, esse “espaço conquistado” pela Adidas remonta a uma longa trajetória de disputas familiares e tentativa de inserção nos grandes eventos². Para o empreendimento

² Desde as Olimpíadas de 1936, a marca já realizava um certo *lobby* aos atletas para que eles utilizassem seus tênis. É preciso levar em consideração que na época os esportes não eram profissionalizados, sendo proibida toda e qualquer relação contratual entre empresas e esportistas. Adidas e Pumas, empresas fundadas (a partir de desentendimentos) por Adolf Dassler e Rudolf Dassler, filhos de Christoph Dassler, se tornaram, no decorrer do desenvolvimento mercadológico do esporte, o símbolo da importância das grandes marcas na organização dos grandes eventos esportivos, sejam essas ações legais ou não.

deste importante empreendimento de ordem econômica, é preciso que se realize um incurso sobre a própria trajetória dos Jogos Olímpicos durante todo o século XX.

No contexto histórico a qual surgiu, o final do século XIX, os Jogos Olímpicos tinham algumas composições valorativas que se aproximava da maioria dos esportes praticados pelas elites neste período. A aproximação, identificação e espelhamento que a burguesia buscava realizar com a nobreza pressuponha que a prática dos esportes da época que foram incorporados pelos Jogos haviam de ser exercido de forma amadora, no qual o incentivo ao exercício do esporte era o principal mecanismo norteador de sua prática. Esta concepção foram os objetivos iniciais de seu formulador, o pedagogo e historiador francês Pierre de Coubertin. Dado este panorama, a Olimpíada configura-se como um “evento cultural destinado às elites – aos que cultuavam costumes refinados e eram transmissores da civilização ocidental” (PRONI, 2008). Pregava-se, ainda, a independência do evento aos governos nacionais, cabendo o financiamento por parte de monarcas e aristocratas – logo esta característica entrou em desuso, dado a enfática inserção dos embates e tensões geopolíticas que instrumentalizavam o esporte, sobretudo no contexto de bipolarização do mundo na época da guerra fria.

A mudança de paradigma dos esportes em gerais ocorridos durante todo o século XX fez com que se realizasse um desvirtuamento dos objetivos originários da prática esportiva, impactando decisivamente nas Olimpíadas. Nesse sentido, passa a ser configurado uma nova racionalidade no seio desportivo, no qual a prática deixa de ter um fim último de satisfação do corpo humano e de valores próprios do Olimpismo e passa a ter uma veiculação com objetivos comerciais. Tais mudanças podem ser traçadas a partir dos seguintes diagnósticos característicos desta nova era do esporte globalizado:

Comparando as primeiras Olimpíadas da era moderna com as realizadas cem anos depois, nota-se que houve: um aumento espantoso no número de modalidades, de competidores, de países, de público; uma evolução inquestionável das técnicas de treinamento, da tecnologia dos equipamentos, dos índices de desempenho atlético; uma ampliação substantiva da participação feminina; e uma diversidade marcante de raças e etnias (Lancellotti, 1996). Além disso, observa-se uma mudança radical na arquitetura e dimensão das instalações, uma maior complexidade da estrutura organizacional e, principalmente, uma incomparável importância econômica: os Jogos atuais são organizados por gestores profissionais especializados em planejamento e marketing; a maioria dos atletas de alto nível tem o esporte como um trabalho relativamente bem remunerado; as imagens do espetáculo são produzidas e simultaneamente transmitidas para todos os continentes; os campeões fazem o papel de garotos-propaganda e os espectadores são tratados como consumidores; os custos operacionais do megaevento

são bancados por empresas multinacionais; dezenas de cidades pretendem formalizar suas candidaturas para disputar ferrenhamente o direito de sediar os Jogos na próxima década (PRONI, 2008).

O incentivo a competição – é válido destacar, um valor fundamental na sociedade capitalista contemporânea – foi o fator de suma importância que acarretou nas mudanças de diretrizes dos Jogos Olímpicos, relegando a um segundo plano os nobres valores morais da prática e do amadorismo. A pressão pela profissionalização nos Jogos foi mobilizada a partir de dois fatores: de um lado, a profissionalização de alguns jogos praticados pelas classes populares que acompanhava este processo já no primeiro quinquênio do século XX; por outro lado, a presença e o impacto da mídia nas coberturas dos eventos, iniciada sua difusão na década de 1930 pelo rádio e potencializada em 1950 com a televisão. Com isso, tornava-se claro que as pedras angulares dos Jogos Olímpicos, o amadorismo e a neutralidade políticas das grandes nações, eram elementos obsoletos e anacrônicos.

Como revela a passagem acima de Marcelo Proni (2008), nesta nova configuração política e econômica no mundo desportivo era preciso que os eventos olímpicos passassem a ter uma complexidade técnica de organização para que garantisse uma quantia exponencial de lucro. No entanto, essa necessidade organizacional não eliminou a ocorrência de tensões sociais nos países que abrigavam os megaeventos, conforme demonstra os Jogos disputados na Cidade do México em 1968: na ocasião, a população local se mobilizou a fim de se colocar contrário a realização do megaevento, dado que o capital investido desconsiderava a realidade miserável de grande parcela da população. O evento foi reprimido e somou cerca de cem mortes.

O fato histórico causa curiosidade e requer uma atenção detida. Apesar de que na realização dos grandes eventos desportivos haja um discurso que define a necessidade de realização naquela localidade, chegando a se referenciar a dimensão moral e humanística das Olimpíadas, a conjugação do aporte de capital para esta finalidade política e econômica evidencia sua natureza: sua configuração desterritorializada relega a um segundo plano os elementos humanos que estão ali presentes, na busca irrefreada do lucro através da prática esportiva.

Ainda que houvesse uma infinidade de problemas sociais e até mesmo casos de corrupção, a “mundialização dos cinco anéis de Coubertin” teve um certo êxito nos megaeventos realizados nas décadas seguintes, chegando na década de 1990 com um complexo formato. O movimento retumbante ocorreu nas Olimpíadas de Barcelona em

1992, ocasião em que não somente a grande soma de capital era uma realidade, como também a presença de empresas dos mais diversos setores produtivos em sua realização. Como revela a eloquente passagem de Marcelo Proni “O Muro de Berlim do esporte cai em Barcelona nas cestas do espetacular e rico Jordan”, os Jogos Olímpicos realizavam de forma integrada a inserção dos esportes na nova ordem mundial do capitalismo neoliberal e globalizado, dispensando a importância da política e tornando hegemônico a presença de grande aporte de capital e ao “transnacionalismo dos atletas” (PRONI, 2008).

Quatro anos mais tarde, a realização dos Jogos Olímpicos em Atlanta desdobra este panorama e adquire novas potencialidades. Situados na lógica da aceleração técnica do atual contexto histórico (ROSA, 2019), o megaevento foi comumente denominado como “Olimpíada do Marketing” ou “Olimpíada High-Tech”. No entanto, ela ainda apresentou alguns problemas que, se fossemos levar a argumentação apreendida por Proni (2008) às últimas consequências, se refere a uma contradição que a maioria dos eventos esportivos de dimensão internacional carrega: a presença massiva do capital em um solo que suas configurações estruturais não permitem sua realização. Nas palavras do autor:

Contudo, em termos de organização e planejamento logístico, a Olimpíada de Atlanta ficou apenas na promessa. Ao contrário do que se vira em Seul e Barcelona, a cidade não estava preparada para abrigar os Jogos. Em momentos críticos, houve caos no sistema de transportes, falhas gritantes no sistema de informática, problemas em relação ao sistema de segurança, queixas em relação ao tratamento destinado aos mais de 10 mil atletas inscritos. Segundo o artigo publicado na revista *Veja*, “a Olimpíada não coube em Atlanta”, permitindo a alguns críticos inferir que os Jogos de 1996 teriam marcado “o fim de uma era” (PRONI, 2008).

Quase trinta anos após a Olimpíada disputada na Cidade do México, a contradição entre dinâmicas internas da sociedade e a necessidade de realização de um megaevento internacional foi reatualizada. No entanto, o mundo globalizado demonstra que os problemas e os efeitos deletérios produzidos foram significativamente discrepantes. Se nas manifestações ocorridas nos Jogos de 1968 havia a presença de uma insatisfação popular daquela cidade, a realidade de Atlanta-1996 se diz respeito a uma carência sentida principalmente pelos turistas, o público-alvo dos principais megaeventos internacionais. Desdobrando esses problemas, é possível afirmar que as consequências foi uma desconfiança política sentida em âmbito internacional, potencialmente pior para os governos na lógica do capitalismo do globalizado.

Buscando evitar que se processasse tais problemas, as Olimpíadas disputadas em Sydney no ano de 2000 legava o exemplo de que a conduta poderia ser diferente: a responsabilidade do COI (Comitê Olímpico Internacional) e da publicidade no que toca a realização do evento, ao passo que aos governos locais caberia a realização de uma engenharia estrutural que adequasse as localidades às necessidades que o megaevento demandava. Conforme o espírito da época sugere, aqui se verifica a plena realização da racionalidade neoliberal no tocante as responsabilidades governamentais, assumindo riscos que tenham como finalidade sua relevância no cenário internacional. A alimentação deste processo se dá com o papel fundamental da mídia, na medida que incentivava de forma ininterrupta as necessárias mudanças a serem realizadas.

Recorrer ao desenvolvimento dos Jogos Olímpicos é fundamental para demonstrar que os esportes em gerais sofrem inflexões do universo econômico³. Ao que toca o universo do futebol, as mudanças necessárias ocorreram com um certo êxito, encaminhando para a realização do ideário da sociedade contemporânea. Algumas das mudanças ocorreram nos seguintes termos: na década de 70, a autorização de publicidades estampadas nos uniformes dos jogadores; posteriormente, na década de 80, a entrada da TV por assinatura na veiculação dos principais campeonatos ao redor do mundo. Consideramos que as principais implicações desta realização residem em dois aspectos. Em primeiro lugar, uma excessiva importância dada as logomarcas estampadas nos uniformes dos clubes, um processo que, intencionalmente, diminui o tamanho do clube – logo, sua relevância histórica – e sobressai o tamanho da marca, evidenciando a preponderância do capital ante a paixão futebolística. Em segundo lugar, conforme buscaremos compreender no Capítulo II, a massiva inserção de TV por assinatura gerou uma sobrecarga de partidas e programas esportivos veiculados diariamente pelos principais meios de comunicação, cujas quais são responsáveis por fomentar um vultoso consumo no universo do futebol.

A difusão das marcas nos esportes em gerais a partir do televisionamento de sua prática, permite que a configuração do esporte-espetáculo seja revestida de um importante elemento, a distinção de sua prática (BOURDIEU, 1986). Ser um esportista de alto rendimento lhe garante o acesso a importantes meios sociais, além de significar o esforço e a meritocracia a ser seguida. Nesse sentido, dado que o futebol tem como uma de suas funções imaginárias um meio possível do indivíduo ascender socialmente, a relação do

³ Nesta conjuntura, a Fórmula 1 foi um dos primeiros esportes a apresentar os propósitos do modelo de sociedade até aqui explanado. Ver: PRONI, 2008.

público consumidor e as marcas propagandeadas pelos esportistas buscam destacar a possibilidade de um ser vitorioso através da prática do consumo. Não é por acaso que, conforme destaca Pierre Bourdieu (1983), os esportes populares são associados com maior efetividade às juventudes, levando-as a continuarem semeando ininterruptamente a imagem do possível.

1.3 O futebol midiático e performático

Em 1995, ocorre um acontecimento que abalou as estruturas do futebol, inserindo o esporte de forma enfática na lógica global. Neste ano, o meio-campista Jean-Marc Bosman, jogador do Standard de Liège, buscava sua transferência para o Dunkirk, time da Dinamarca. A ação do clube belga, segundo o próprio ex-jogador, foi estarrecedora. Para renovar seu contrato e ficar no Liège, Bosman teria de aceitar ganhar quatro vezes menos do que ganhava até então; na tentativa de vendê-lo para o clube dinamarquês, a pedida do time era quatro vezes maior do que Bosman receberia. Em entrevista ao *The Guardian*, o ex-jogador relata seus sentimentos à época:

Eu não aceitei este procedimento, que considerei completamente ilegal. Fui suspenso pela federação belga porque não queria assinar. Mas se eu não me demitisse ainda pertencia a Liège e não aceitei isto (BOSMAN, 2015).

A forma pela qual se processava até então o direito desportivo nas principais ligas do mundo funcionava como uma espécie de “escravidão moderna”: mesmo que o jogador não quisesse continuar mais no clube e não houvesse proposta de contrato, ele continuaria permanecendo ligado ao time. A ação de Bosman provocou à época uma mudança substancial nas relações entre clube e jogador, dotando a profissão futebolística de um caráter mais fluído, autonomizando até mesmo a profissão do jogador de futebol. Além do mais, o papel do empresário, envolto em negociações cada vez mais vultosas, teve um significativo alavanque (RODRIGUES, 2007).

Na medida que a circulação dos grandes jogadores passa a se realizar de forma livre no espaço do futebol global, ser torcedor é um dos processos que a cada vez mais vem sofrendo interferências. O antropólogo norueguês Thomas Hylland Eriksen, a partir de um exemplo pessoal, demonstra tamanha tendência.

Antes da Copa do Mundo de 2006, descobri que meu filho (que tinha então nove anos) desaprovava o atacante sueco Zlatan Ibrahimovic. Eu

me perguntei se ele já havia desenvolvido um ceticismo pelos atletas suecos (a rivalidade amistosa entre a Suécia e a Noruega no esporte existe há cem anos), se a razão poderia ser a personalidade polêmica de Zlatan ou – Deus me livre – se tinha algo a ver com as origens iugoslavas do Sr. Ibrahimovic. Por fim, descobri que o problema era que Zlatan jogava pela Juventus, um time de que meu filho não gostava. Como torcedor fiel dos *Gunners*, ele torceu pela França na Copa do Mundo, já que o craque do Arsenal, Thierry Henry, tinha um lugar central na seleção francesa. (ERIKSEN, 2007, p.158).

O argumento de Eriksen demonstra os amplos segmentos que o futebol acaba sendo impactado ao se globalizar, produzindo identidades futebolísticas que não estão referenciadas aos clubes nacionais, regionais ou locais, mas sim aos clubes transnacionais e seus grandes jogadores. No entanto, o fenômeno da globalização não se dá pura e simplesmente a partir de um direcionamento de mão única. Se por um lado é inquestionável que os aspectos da globalização estão presente de formas variadas no futebol, ela não se esgota por si mesma: cada país, com sua respectiva cultura, a recebe e a interpreta de formas distintas. Referimo-nos, portanto, ao conceito de “glocalização” para destacar este duplo processo.

O conceito de *glocalização* é muito utilizado para explicar como “o local” está socialmente construído com referências aos processos globalizadores. A palavra *glocalização* deriva do termo japonês *dochakuka*, que significa “localização global” ou, em termos comerciais, a fabricação de produtos globais, práticas industriais e serviços para adaptar-se às tradições e gostos culturais específicos (ROBERTSON; GIULIANOTTI, 2006, p.20).

Nesse sentido, clubes como o Athletic Bilbao, St. Pauli e Rayo Vallecano, são modelos paradigmáticos de como a lógica do global e local se correlacionam: a escolha em permanecer “enraizados”, ainda que as lógicas do capitalismo globalizado os interferem significativamente. Ao que toca o primeiro clube, sua política de contratação está calcada em jogadores que tenham origens bascas, uma clara demonstração deste processo (HOFMAN, 2021).

Ainda que seja perceptível a realização deste duplo processo, os times de futebol são a cada vez mais envoltos da “megamáquina” do capitalismo globalizado e neoliberal: eles deixam de ser apenas clubes e passam a ser grandes marcas, funcionando como uma grande empresa transnacional, atraindo adeptos dos mais diversos lugares do mundo – a escolha por esta forma de gestão se dá através de uma busca pela eficiência acerca dos

negócios do clube. Os grandes clubes passam a cada vez menos existir em um determinado espaço e se projetam na civilização-mundo.

1.4 O contato com o futebol: a televisão no Brasil

Dado a necessidade de se conectar com o universo do futebol globalizado, a televisão foi e continua sendo o modelo que permite tal relação. Segundo o jornalista Igor Savenhago (2001), a complexa estrutura organizacional da mídia tem como objetivo a produção de espetáculos, valorizando continuamente “celebridades, atores e outras personalidades” (SAVENHAGO, 2011, p.23). Nesse sentido, a exploração do futebol por meio da televisão realiza uma relação que faz com que o espectador identifique os “heróis” que são produzidos cotidianamente, estando estes sempre em busca da superação.

No caso brasileiro, há uma gama enorme de programas esportivos que ocupam a uma extensa grade de programação dos principais canais de comunicação. Das 10h às 01h00, um indivíduo pode optar por realizar diversas experiências esportivas e futebolísticas, com um grande número de abordagens sobre os principais clubes do Brasil e do mundo. Com isso, uma pergunta nos é fundamental: quais são suas finalidades e suas consequências para a sociabilidade humana?

Na tentativa de responder esta pergunta, foi realizado um mapeamento dos programas esportivos entre os dias 23 e 29 de novembro, distinguindo aqueles que ocorrem em rede aberta de transmissão e os demais que ocorrem em canais fechados. Além do mais, um segundo recorte metodológico foi utilizado: foram escolhidos programas que são transmitidos ao vivo. Dessa forma, foram considerados a Rede Globo, SBT e Bandeirantes entre os canais de rede aberta, enquanto SporTV, ESPN Brasil e FOX Sports os canais de sinal fechado. As tabelas abaixo detalham as emissoras, os programas, o início e término, bem como a recorrência durante a semana.

Tabela 1 - Programas esportivos em rede aberta

Emissora	Programa	Início	Término	Recorrência
Bandeirantes	Jogo Aberto	11h00	13h00	Segunda à sexta
Bandeirantes	Os Donos da Bola	13h00	14h00	Segunda à sexta
Bandeirantes	Futband	01h00	01h30	Segunda à sexta

Bandeirantes	Show do Esporte	10h00	11h30	Domingo
Bandeirantes	Show do Esporte (2ª. Ed.)	13h30	14h00	Domingo
Bandeirantes	Show do Esporte (3ª. Ed.)	16h00	17h00	Domingo
Rede Globo	Globo Esporte	12h30	13h00	Segunda à sábado
Rede Globo	Esporte Espetacular	10h00	12h45	Domingo
SBT	Arena SBT	23h30	00h45	Segunda-feira

Tabela 2 - Programas esportivos em rede fechada

Emissora	Programa	Início	Término	Recorrência
ESPN Brasil	SportsCenter	11h00	12h00	Segunda à sexta
ESPN Brasil	BB Debate	12h00	14h00	Segunda à sexta
ESPN Brasil	Futebol no Mundo	14h00	15h00	Segunda à sexta
ESPN Brasil	SportsCenter – Abre o Jogo	16h30	17h00	Segunda e sábado
ESPN Brasil	Futebol na Veia	18h00	20h00	Segunda à sexta
ESPN Brasil	SportsCenter (2ª. Ed.)	20h00	23h30	Segunda à sexta
ESPN Brasil	Linha de Passe	23h30	00h00	Segunda à quinta
FOX Sports	Giro FOX	11h30	12h45	Segunda à sexta
FOX Sports	FOX Sports Rádio	12h45	15h30	Segunda à sexta
FOX Sports	Tarde Redonda	15h30	17h30	Segunda à sexta
FOX Sports	Expediente Futebol	17h00	19h00	Segunda à sábado

FOX Sports	Jogo Sagrado	21h00	23h30	Segunda-feira
FOX Sports	Debate Final	21h00	23h15	Quinta e sexta
FOX Sports	Rodada FOX	23h30	01h00	Terça à sexta
FOX Sports	A Última Palavra	21h30	00h00	Sábado
SporTV	SporTV NEWS	08h45	10h00	Segunda e sexta
SporTV	Redação SporTV	10h00	12h30	Segunda à sexta
SporTV	SporTV NEWS (2ª Ed.)	12h30	13h00	Segunda à sexta
SporTV	Seleção SporTV	13h00	15h30	Segunda à sexta
SporTV	Tá na Área	17h30	19h00	Terça à domingo
SporTV	Bem, Amigos!	22h00	00h30	Segunda-feira
SporTV	Troca de Passes	23h30	01h00	Terça à domingo
SporTV	Galeria SporTV	12h00	15h00	Sábado e domingo
SporTV	Galeria SporTV (2ª Ed.)	16h00	18h30	Sábado e domingo
SporTV	Galeria SporTV (3ª Ed.)	18h30	21h00	Sábado e domingo

Como se pode notar na Tabela 1, a Rede Record não se fez presente na análise devido à ausência de programas esportivos em sua grade programática. Em segundo lugar, os três canais fechados acima destacados (Tabela 2) são aqueles que ofertam uma

grande quantidade de programas esportivos cotidianamente, além de transmitir uma série de partidas oficiais dos mais diversos canais possíveis⁴.

De segunda a sexta-feira, os canais de rede aberta concentram suas transmissões desportivas entre os horários das 11h da manhã até às 14h da tarde. Nesse curto espaço de tempo há alguns programas que preenchem os canais de televisão, sendo eles: Jogo Aberto, Globo Esporte e Os Donos da Bola. Por via de regra, estão presente nestas abordagens a cobertura de jogos realizados atualmente, as principais notícias do universo futebolístico, o acentuado grau de potencialização da cultura torcedora.

A escolha das pautas e até mesmo do horário a ser transmitido estes programas se fazem de maneira pontual. Em princípio, toda e qualquer cobertura jornalística, seja ela desportiva ou não, visa o conhecimento do mundo, sendo de fundamental importância para a situação do sujeito na contemporaneidade. Ao que toca o horário e a duração de suas transmissões, é possível identificar o horário que se encontra uma quantidade maior de pessoas em suas residências, dado o habitual horário de almoço.

O mesmo fenômeno não foi encontrado em igual medida nos canais fechados. Não é possível estabelecer um horário em que as transmissões dos canais de programas esportivos se intensificam: das 10h da manhã até à 1h da manhã do dia seguinte os programas se sucedem cotidianamente, ainda que entre eles haja variações em seus horários. Sua composição é diversa, se fazendo presente as mais diversas formas de abordagem.

Ao comparar os levantamentos de dados, é possível destacar a distinção antropológica que ambos ambientes televisivos operam. De um lado, a identificação do público-alvo dos canais televisivos de rede aberta tem como objetivo distanciar os sujeitos dos problemas da vida em sociedade, cultivando sua cultura futebolística a partir dos acessos a estes espaços.

Por outro lado, a forma pela qual as grades de programas esportivos são compostas nos canais de TV fechado permite identificar a forma pela qual a globalização impacta de forma significativamente nos espaços televisivos, ao ponto de que há a necessidade de um número sempre maior de programas esportivos a ser considerados as mesmas problemáticas já abordadas ao decorrer do dia – o fenômeno do adensamento de episódios cotidianos experienciado pelos sujeitos, conforme destaca Rosa (2019).

⁴ Os três canais possuem ainda divisão interna. Por exemplo: há três canais SporTV (1, 2 e 3), quatro canais ESPN (1, 2, Brasil e Extra) e dois canais FOX Sports (1 e 2). Recentemente, a Walt Disney adquiriu os direitos da FOX Sports, formando um conglomerado na cobertura desportiva.

Visando a facilitação da compreensão do fenômeno, os gráficos abaixo agrupam os respectivos programas esportivos em suas emissoras.

Gráfico 1 - Programas ao vivo em TV aberta

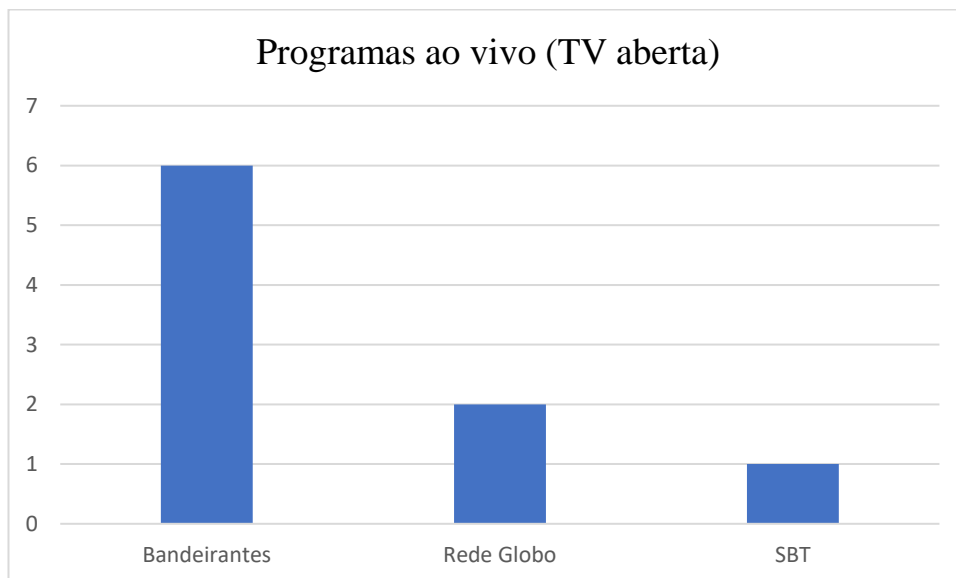
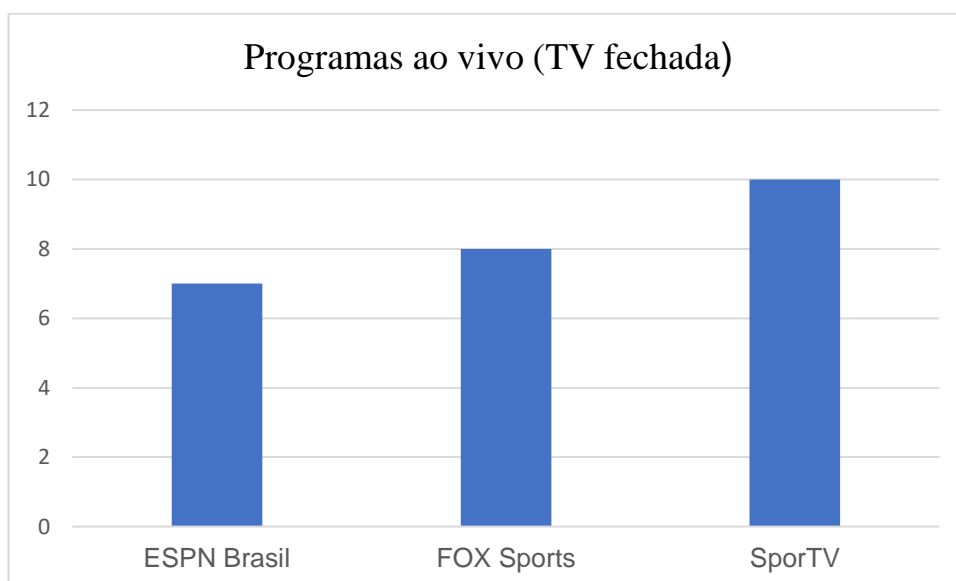


Gráfico 2 - Programas ao vivo em TV fechada



Os principais meios de comunicação acima destacados representam uma das grandes formas televisivas do futebol no contexto do capitalismo financeiro e globalizado. A construção da narrativa e as palavras empregadas pelos especialistas abordam de maneira efusiva a mentalidade competitividade e vencedora do esporte de multidões. Nesse sentido, situados na urgência de vencer, de se superar, de manterem-se

ininterruptamente identificados a partir da lógica do alto desempenho e da maximização da *performance*, a narrativa futebolística glorifica os grandes feitos, as grandes jogadas e os grandes jogadores, que, em última instância, funcionará como meio de contornar as profundas desigualdades existentes na sociedade contemporânea. A partir da vontade e dedicação do indivíduo, suas condições iniciais de classe podem ser superadas.

Ao analisar os principais meios de comunicação na Itália, Szemlerska (2009) demonstra que o futebol é uma “metáfora da vida”. Olhar para o futebol e compreender suas intrincadas redes de relações, em específico ao jornalismo esportivo, é compreender duas questões fundamentais: em primeiro lugar, as narrativas que estão presentes nesses espaços; e em segundo lugar, o olhar atento e cauteloso para o futebol desvendará as dinâmicas da sociedade, seu sentido e significado, bem como suas contradições inerentes. O capítulo seguinte tem como objetivo a compreensão deste problema.

2 O FUTEBOL E A IDEOLOGIA DO APOLITISMO

A contextualização histórica do final do século XX e início do século XXI permite identificar um grande componente que se faz presente de modo cada vez mais enfático na sociedade: o descompromisso com a política. Abarcando todas as esferas de relações sociais e produções culturais, o futebol não seria passível de escapar a esta lógica. Com isso, buscamos compreender a forma pela qual esta “ideologia do apolitismo” se realiza no futebol contemporâneo, seja nos espaços de transmissão de sua prática, como também na representação das torcidas, um importante elemento do futebol.

Ao analisarem o impacto das mesas redondas na cultura torcedora, Escher e Reis (2012) destacam que elas são capazes de construir uma nova realidade: não a realidade em si que o jogo de futebol e todo o seu universo exprime, mas uma realidade que, permeada pelo discurso do jornalista esportivo, produz danos nocivos para a cultura torcedora – um expediente político que a televisão comercial se encarrega de realizá-lo a todo momento (SODRÉ, 2010). Segundo os autores, a atuação cotidiana destes programas na rede televisiva comercial promove uma animalização do torcer, um fomento à rivalidade, potencializando a violência dentro do futebol. Tal ordenamento funcional tem como finalidade angariar uma audiência cada vez maior, levando a uma manipulação da realidade de um lado e a recorrência de conteúdos atrativos, como é o caso da violência torcedora.

Esta nova realidade não é uma mera causalidade: ela possui uma determinada intencionalidade planejada de antemão pelos principais atores que a compõe. Sejam eles “atores visíveis” (os profissionais que cotidianamente compõem os programas televisivos) ou “invisíveis” (profissionais que operam atrás das câmeras, na produção, planejamento e abordagem daquilo que é dito e propagado todos os dias), operam a partir de uma “definição de situação”. Segundo o sociólogo canadense Erving Goffman (2014), este momento é responsável por indicar uma série de marcadores que estarão presentes nas virtuais relações diárias entre os programas e seus telespectadores.

2.1 Os nexos entre a indústria cultural e o jornalismo esportivo

Antes de compreender as intrincadas relações do jornalismo esportivo para com a sociedade contemporânea, é necessário que nos detenhamos na predominante forma tecnológica que permite o seu formato: a televisão comercial. Ainda que exista a

tendência de subjugar a televisão ao domínio da tecnologia, e realizar uma análise centrada nesta dimensão, Sodré (2010) pontua que a análise deve apreender a televisão comercial como um sistema que reproduz as normas e valores do contexto histórico a qual está situado. Em outras palavras, deve ter em mente as “relações sociais a que ela induz a partir de sua sistematicidade operacional” (SODRÉ, 2010, p.21).

Como toda forma tecnológica que permite a produção e disseminação de elementos culturais, a televisão comercial é amplamente operacionalizada pela indústria cultural. Este fenômeno que compreende um amplo conjunto de produções apresenta uma lógica específica de funcionamento: ela não somente produz um elevado número de artefatos culturais, como também é capaz de inserir novos elementos qualitativos em suas produções⁵. Além do mais, sua finalidade está centrada na realização de um controle autoritário no plano psicológico dos sujeitos, enfraquecendo, desta forma, aquilo que Adorno (2001) compreende como “resistências individuais”, ou seja, a negação da realidade.

Este controle autoritário está diretamente relacionado com a estruturação de multicamadas com as quais se revestem suas produções, se situando uma complexa relação entre aquilo que se vê e o que está oculto. Nesse sentido, a mensagem oculta e não revelada dos produtos televisivos se insere de forma assertiva no inconsciente do indivíduo, canalizando vigorosamente suas reações. Se assemelhando com um regime político, o controle autoritário que a indústria cultural produz no sistema televisivo apresenta as seguintes características:

(...) a maioria dos programas de televisão de hoje tem como objetivo produzir, ou pelo menos reproduzir, a própria presunção, passividade intelectual e credulidade que parecem se encaixar em credos totalitários, mesmo que a mensagem explícita da superfície dos programas possa ser antitotalitária (ADORNO, 2001, p.165-166).

As mudanças em torno dos signos culturais acompanhadas e instrumentalizadas pela indústria cultural apresentam o seguinte direcionamento: práticas e costumes que ao se “democratizarem” – logo, tornando-se um importante elemento da cultura de massa – é abarcado pela indústria cultural, no qual objetivará uma produção massiva de componentes que idealmente são próprios do universo do lazer – vide como elementos

⁵ Ao caso brasileiro, a popularização das produções dos canais da Rede Globo levou a formação de um selo de qualidade que carrega sua marca: o *padrão globo*, conferindo legitimidade às produções e levando aos telespectadores uma compreensão a priori de que a obra produzida é de boa qualidade. Ver SODRÉ, 2010.

culturais da sociedade brasileira são transformados pela indústria cultural, em específico o futebol e o samba. Nesse sentido, portanto, o crescimento da cultura de massa tem relação direta com a transformação do público a qual ela está endereçada.

Na medida que se realiza esta transformação do público-alvo, o objetivo das produções da indústria cultural é atrair tal contingente ao universo virtuoso (e vicioso) do consumo cultural, realizando uma histórica substituição no lugar que outrora fora exclusivo da “velha elite culta” (ADORNO, 2001, p.161). Acessar algum produto ou manifestação cultural não é mais uma marca distintiva: é colocar em prática princípios da cultura que podem conferir uma determinada “identidade nacional”. Com isso, tal parcela da população tem um enorme desejo em acessar determinados serviços comerciais, justificando a grande quantidade de empresas deste setor nos anúncios dos programas esportivos.

Nesse movimento, os elementos lúdicos das práticas culturais são significativamente distanciados de sua significação originária. Ainda que o futebol seja inquestionavelmente um importante produto da experiência cultural brasileira, ao se inserir na lógica da indústria cultural ele torna-se uma grande metáfora da vida contemporânea, no qual se relaciona diretamente com a ideologia política dominante do atual tempo histórico. Em outras palavras, a mensagem fabricada por esse importante espaço futebolístico tem um direcionamento: realizar a identificação dos sujeitos com as forças políticas dominantes.

É válido ponderar que não é uma identificação passiva que se realiza, dado que as estruturas multicamadas são responsáveis por manipular o telespectador através do meio televisivo, inserindo em seu inconsciente os pressupostos que permitem este fenômeno. Coloca-se, portanto, uma adequação do sujeito aos panoramas políticos da contemporaneidade, ao mesmo tempo que leva à estigmatização do que é propalado.

Ao reconhecer de antemão o formato padronizado das produções da indústria cultural, o código televisivo (SODRÉ, 2010) leva a compreensão da massa de que aquilo que se assiste é passível de acontecimentos no mundo real, ou vice-versa: o mundo externo se prolonga e é exibido naquilo que se assiste. Isto é, ainda que se tenha a noção de que se está assistindo o novo, as padronizações provenientes – padronizações essas que, segundo Adorno e Horkheimer (1985), seguem até mesmo um padrão estético – de seu código permitem já esperar antecipadamente as implicações daquilo que está sendo representado no cenário. Em outros termos, esperar o novo no plano cultural não é mais possível: ele foi destruído pela indústria cultural. Neste processo, além da eliminação da

natureza dialética da existência humana, essa construção de estereótipos leva a tais consequências:

Quanto mais estereótipos se tornam reificados e rígidos na atual configuração da indústria cultural, mais as pessoas são tentadas a se agarrar desesperadamente a clichês que parecem trazer alguma ordem ao que de outra forma não seria compreensível. Assim, as pessoas podem não apenas perder a verdadeira percepção da realidade, mas, em última análise, sua própria capacidade de experiência de vida pode ser entorpecida pelo constante uso de óculos azuis e rosados (ADORNO, 2001, p.171).

No plano do intelecto, tais consequências incidem no recuo das virtudes que o esclarecimento produziu. Segundo Adorno e Horkheimer (1985), em sua configuração originária o esclarecimento substituiu toda a justificativa que ligava o *kosmos* a uma ordem externa, no qual a compreensão do mundo estava relacionada a um dado acontecimento mítico. O movimento que o esclarecimento dava origem era de que, através de um estudo rigoroso da realidade (portanto, matemizado), a capacidade humana do intelecto teria seus limites expandidos, chegando até mesmo a destruir a existência dos deuses.

Ao realizar um processo de adestramento do indivíduo, os filmes, as séries, as produções artísticas, como também o jornalismo esportivo, adequa o sujeito à realidade, inserindo em suas estruturas cognitivas a noção de que na nova razão do mundo a atividade reflexiva e intelectual está destituída de senso. Na medida que a indústria cultural confunde o tempo de trabalho com o tempo de lazer, o subterfúgio do indivíduo ao universo da cultura o leva a uma falsa sensação de descanso, dado que em ambos os campos está repleto da lógica capitalista.

Ainda assim, um dos fatores que melhor propaga essa ideia de falsa sensação de descanso é o riso, operando na propagação de uma ideia genuína de felicidade que, nos panoramas do jornalismo esportivo, realiza um intercâmbio entre o lúdico e a maximização do consumo. Segundo Adorno e Horkheimer (1985), na “falsa sociedade, o riso atacou – como uma doença – a felicidade, arrastando-a para a indigna totalidade dessa sociedade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.115). Nesse sentido, a diversão que o jornalismo esportivo se revestiu foi responsável por realizar uma parcial guinada na atuação profissional, legando às massas o acesso a um bem escasso que acabam tornando o objetivo primário de suas realizações pessoais (CABANAZ; ILLOUZ, 2019).

Contendo em si o fundamento da indústria cultural, o código televisivo permite que se anule uma das funções essenciais da sociabilidade, o diálogo. O “monopólio da fala” da televisão realiza o apagamento da possibilidade da retórica por parte do ouvinte, configurando um poder nunca visto antes na história. Em uma passagem, Sodré destaca a forma de realização de suas matrizes ideológicas:

O *medium* tecnológico ganha, de fato, tamanha autonomia com relação à situação vivida, humana, dos sujeitos, que consegue mesmo impor-lhes as suas razões técnicas. O *medium* não é aí um simples mediador entre informante e público, mas um espaço autônomo capaz de criar modelos próprios, que neutralizam o sentido político das ações e dos discursos (SODRÉ, 2010, p.28).

Aprofundando esta autonomização, Sodré formula o conceito adequado de televisão:

a hipertrofia do dispositivo, isto é, do aumento desmedido do intermediário informativo, agora transformado num sistema autônomo, com regras próprias. Este sistema produz uma realidade particular, que tende a recobrir todo o espaço social, de maneira análoga à realidade físico-geográfica do território. Quando o sistema é exacerbado (caso americano, por exemplo), a televisão deixa de ser um mero reflexo ou extensão da vida social para se tornar o seu próprio código. Este se impõe através da socialização forçada da comunicação, à qual se submetem os sujeitos da fala na sociedade contemporânea (SODRÉ, 2010, p.33).

Nesse sentido, passando a ter o peso decisivo das análises e das palavras, a situação definida (GOFFMAN, 2014) que os sujeitos do universo do jornalismo esportivo opera a partir do expediente discursivo é fundamental para a representação da contemporaneidade, dado que relaciona diretamente com seu público-alvo a economia, a política, a cultura e, principalmente, um emaranho e complexo conjunto de valores do tempo presente. Na medida em que este setor do jornalismo se configura a partir da cobertura massiva do futebol espetáculo, o peso da análise esportiva do universo do futebol é tão amplo que acaba tendo as seguintes características:

Compõe a pauta o que ocorre dentro de campo e nas adjacências (arquitetada, banco de reservas, vestiário), incluindo-se, muitas vezes, os preparativos para as competições (treinamentos, viagens, entrevistas coletivas), as consequências de cada partida e as cenas de bastidor (negociação de atletas, chegada e saída de técnicos, políticas interna dos clubes) (VASCONCELOS, 2020, p.5).

Este fenômeno é notável a partir da extensa quantidade de programas esportivos, conforme os dados da Tabela 1 demonstraram no capítulo anterior. Com isso, é possível notar que o conjunto de programas da televisão em rede aberta tem um específico horário de exibição: entre as 11h da manhã às 14h da tarde. A ação intencional de concentração dos programas esportivos neste curto (porém denso) espaço de tempo de três horas, visa captar um público-alvo que alcança desde o jovem que acaba por voltar da escola (SILVA, 2019), ao trabalhador que está em sua casa em seu respectivo horário de almoço.

Como se pode notar, as duas principais categorias de cidadãos mais impactadas nos últimos anos são o público-alvo ideal para qual se volta a ação discursiva e ideológica dos programas esportivos. De um lado, o movimento gestado ao decorrer do século XX, que visava a reformulação das bases teóricas do liberalismo – bem como sua materialidade em forma de adoção de políticas a partir do final da década de 1970 – levou em consideração de forma enfática uma necessária e efetiva reformulação da educação (DARDOT; LAVAL, 2016). A partir da adoção de um conjunto de recomendações, potencializadas na década de 1990, países ao redor do mundo passaram a adotá-las, provocando o enfraquecimento da educação e levando o sujeito agora a se formar e a se satisfazer a partir das normas provenientes do mercado.

A segunda categoria impactada é o do trabalhador. Os propósitos de existência do trabalho flexível teriam como função o aumento da produtividade, um estágio intermediário na vida do trabalhador que tem como objetivo a ocupação de um trabalho que lhe garanta estabilidade para a realização de seus projetos de vida. No entanto, a “megamáquina” do capitalismo financeiro e globalizado promove uma perpetuação deste estágio intermediário: o trabalhador flexível não tem outra opção que não seja a sua manutenção em um tipo de trabalho que é progressivamente interrompida, adiando assim suas possíveis realizações.

O contato cotidiano, passivo e irrefletido destes dois grupos sociais com a mídia esportiva tem um grande impacto na política e na economia. Na medida em que a televisão realiza uma vertiginosa “dominação pelo consumo”, reverberando no futuro político das sociedades. Com isso, não é somente os horários destes programas que são escolhidos a partir de uma ação metódica, como também os produtos e serviços transmitidos através de patrocínios e comerciais que compõe a duração de cada programa. A forma mercadológica se intensifica, portanto, em duas frentes: em primeiro lugar, no referido oferecimento de bens e serviços para indivíduos. Em segundo lugar, se produz

uma fidelidade contratual entre o programa e o telespectador, na medida que este é identificado como um universo mercadológico a ser explorado.

O Gráfico 2 destacado no Capítulo 1 nos mostra que esse panorama nos canais de TV fechada é exacerbado: enquanto em TV aberta se encontra um total de 9 programas (Gráfico 1), nos canais fechados este número chega a 25. Um dos fatores que contribuem internamente para a explicação deste panorama é a contribuição do jornalista José Trajano na construção deste espaço a partir da década de 1990, que ao trazer ao Brasil a primeira filial internacional dos canais ESPN, impulsionou e consolidou esse panorama.

Um dos principais resultados de seu trabalho foi a popularização dos clubes europeus e campeonatos internacionais no Brasil (SILVA, 2019). Pouco a pouco, foi tecendo uma malha densa de profissionais e especialistas do esporte, culminando na constituição de um número cada vez maior de programas esportivos.

Ao menos duas décadas mais tarde, pode-se observar a saída de inúmeros profissionais provenientes desta época. Relacionado com o desenvolvimento da sociedade contemporânea, as motivações têm uma estreita relação com o desdobramento do jornalismo esportivo enquanto uma força mercadológica que a cada vez mais deve se adaptar para, de um lado, atender as demandas de seus consumidores e, de outro, continuarem competitivos nesta grande horda que é a sociedade capitalista. Nesse sentido, se materializa uma progressiva troca de profissionais adequados para o tratamento do esporte por aqueles que o tratam com escárnio e chacota.

Esse tratamento hegemônico da informação esportiva pode ser compreendido a partir da tentativa do jornalismo esportivo em estabelecer vínculos dialógicos e afetivos: não à toa, encontramos nestes programas um grande número de ex-futebolistas que, ao serem antigos ídolos de seus respectivos clubes, realizam um processo de identificação de forma direta e sem margem para erro. Sodré (2010) compreende este processo televisivo da seguinte forma:

Este [o telespectador] espera sempre que a tevê ultrapasse os efeitos de mero espetáculo ou de pura informação e se invista da atmosfera de simpatia e camaradagem, característica ideal de grupos primários, como a família (SODRÉ, 2010, p.61).

No entanto, este processo que se avoluma com o número crescente de novos programas, comentaristas e apresentadores, não é uma especificidade do jornalismo esportivo. Em outras palavras, é o receptáculo de uma ideologia neoliberal que leva os

indivíduos a estarem em uma contínua satisfação, deslocando e impossibilitando a compreensão das razões materiais que não permitem a realização de fato desta exultação.

A força ideológica do capitalismo neoliberal é perceptível na sua capacidade em configurar um determinado tipo de racionalidade que eliminou os meios necessários para que este feito fosse realizado pelas principais forças políticas à esquerda. Realizando, segundo Gallino (2011), a hegemonia cultural, e reinventando novas formas de mercadorias em ambientes de diversão e lazer como os esportes, a tendência colocada na nova ordem mundial é a inexistência de forças políticas que possam obstaculizar seu desenvolvimento.

Não havendo outra perspectiva, portanto, o futebol foi revestido das lógicas do capitalismo neoliberal. No âmbito do jornalismo esportivo, suas características se manifestam na forte atração mercadológica, na identificação dos telespectadores enquanto um potencial mercado a ser explorado, resultando nos diferentes tipos de marcas que patrocinam diariamente estes espaços esportivos. Em canal aberto, no decorrer dos programas Jogo Aberto (transmissão das 11h às 13h) e Os Donos da Bola (13h às 14h), foi possível destacar diferentes tipos de empresas, respectivos aos mais diversos âmbitos do mercado: empresas de tintas, de saúde privada, de educação privada, de calçados, de TV por assinatura, de segurança privada, de lojas automotivas, de “casas de apostas”, etc.

Além do mais, este processo se justifica a partir da própria configuração midiática. Na medida em que a televisão – logo, os programas esportivos – gera a identificação do personagem para com o público, ela atua como uma grande fomentadora do mercado, levando o conjunto da população ao consumo de um determinado produto ou marca. Esse processo gera uma dinâmica triangular que se retroalimenta, resultando em significativos lucros para aqueles que são embarcados pelo mercado (as emissoras da TV e os anunciantes), enquanto leva a população – ou na linguagem técnica midiática, os telespectadores –, à um processo de endividamento. Conforme a passagem abaixo demonstra, a linguagem de espetáculo tem por finalidade o afastamento da necessidade da política:

Para concentrar consumidores em potencial, a televisão gera uma linguagem de espetáculo, que gera no telespectador um processo de identificação com o que está sendo veiculado: desperta a emoção, que faz com o telespectador se distancie dos seus problemas cotidianos para acreditar que os conceitos emitidos pela televisão são sinônimos de sucesso e felicidade. O telespectador passa a não questionar sua condição de vida e a realidade em que está inserido. Não questiona se

há, realmente, essa possibilidade de realização pessoal (SAVENHAGO, 2011, p.30).

Ao indivíduo padronizado e que paradoxalmente está imerso no fenômeno do hiper individualismo lhe resta a liberdade de consumo – não a liberdade política. Nesse movimento que transforma o cultural em ferramenta de consumo, ou no caso do que nos interessa, a mercantilização do futebol, é subjugado o componente cultural do esporte de alto rendimento e se distancia de sua autonomia interna. Embora não seja um movimento unidirecional (o futebol nunca deixará de ser um elemento constitutivo da cultura brasileira), a TV e sua ramificação do jornalismo esportivo lhe dá novas roupagens. Segundo Sodré (2010), esta característica da contemporaneidade se realiza da seguinte forma:

A ideologia da produção monopolística projeta-se hoje em escala planetária, impondo a lógica do consumo, que é um modo de produção de significações regido pela sistematicidade do valor de troca, pelo totalitarismo do código. A produção sistemática do sentido, que hoje define o universo do consumo, deixa cada vez menos espaço à existência de esferas culturais autônomas, ou seja, a formações simbólicas diferenciadas, diversas do modo de produção dominante. Em outras palavras, as manifestações simbólico-culturais (a face explícita da cultura) da moderna sociedade industrial, ao serem progressivamente assumidas pelos *mass-media*, dificilmente podem ser encaradas como fenômenos relativamente autônomos, externos à produção de bens materiais. A cultura (ênfatisa-se: o conjunto das relações de sentido) é agora a própria operação de disfarce e escamoteação dos mecanismos de poder acionados pela produção material (SODRÉ, 2010, p.125).

Apesar disso, esta forma de consumo não é uma mera ação irracional entre o sujeito e os produtos à sua disposição. As principais instituições da “primeira modernidade” eram responsáveis por educar um indivíduo que em suas dimensões políticas, econômicas e sociais, estava diretamente relacionado com um cidadão responsável pelas decisões coletivas de sua sociedade. No entanto, o desenvolvimento do capitalismo a partir da década de 1970, é responsável por realizar a construção de um novo modo de ser, de um indivíduo desatrelado de seus compromissos sociais e políticos: o indivíduo narcísico, que na medida que está constantemente preocupado com a construção do eu, encontra no mercado sua esfera de satisfação e autorrealização.

Sua construção histórica e política não mais responde aos instrumentos pelas quais se processaram a construção do cidadão. Na medida que as antigas estruturas da modernidade se esfacelaram, sua designação será melhor apreendida a partir do termo

bourgeois: por origem francesa, o termo designa a histórica classe social que, ao ascender ao poder, normaliza o valor monetário como base de suas relações sociais (BECK, 2011). Além de implicar numa mentalidade que realiza a todo instante o cálculo maximizador de satisfação, concebe uma compreensão ideológica da política que, segundo aos termos de Hartmut Rosa (2019), pode ser compreendida como “apolítica”, ou seja, uma negação dos mecanismos institucionais.

Esta transformação do consumo fora abordada pelo economista e sociólogo alemão Wolfgang Streeck (2012), correlacionando suas consequências para o universo da política. Destaca o autor que a célebre frase de Henry Ford capta o espírito do capitalismo no período pré 1970: seus consumidores poderiam escolher qualquer cor do seu carro, conquanto que fosse preto. Tal ideário e concepção da produção econômica situava-se em um regime de produção que a fábrica era localizada e, de certa forma, restritiva em seus vínculos empregatícios.

Na medida que se processa a crise deste modelo de capitalismo e se requeira uma imediata resposta dos agentes econômicos, se formou uma passagem de um modelo de produção que se atentavam para a durabilidade do produto, para um modelo que respondia as demandas dos consumidores, conseguindo captar no íntimo de suas subjetividades aquilo que eles desejavam.

Os custos para a política são desastrosos. Ao compreender que é no mercado o espaço que rege os códigos de condutas e valores que pautam esta sociedade do consumo, da opulência, espera-se que no âmbito da política institucional se responda de maneira similar. O economista e sociólogo alemão destaca seus efeitos da seguinte maneira:

À medida que o novo modo do mercado penetra lateralmente na esfera pública mediante a generalização de expectativas cultivadas no consumismo da opulência pós-fordista, se evapora a capacidade dos estados em impor a lei e a ordem em uma sociedade de mercado cada vez mais despolitizada (STREECK, 2012, p.37).

Como todo e qualquer elemento da sociedade, alguns programas esportivos acabam sendo impactados por essa concepção de mundo que, a cada vez mais, distancia a política do cotidiano das pessoas. Nesse sentido, o programa Redação SporTV repercutiu com alguma constância a mobilização política dos jogadores de futebol. A repercussão que por vezes se confunde com cobrança segue a seguinte lógica: os jogadores de futebol, ao terem uma rede densa e vultosa de seguidores em suas redes sociais (Facebook, Instagram e Twitter), tem uma espécie de “dever cívico” em posicionarem-se nos

acontecimentos políticos, seja de seu país ou do mundo. Em paralelo com esta conduta são destacadas as principais celebridades do mundo esportivo que não se furta deste dever, demonstrando, em última instância, que futebol e política são elementos passíveis de conjunção.

É demonstrativo um dos programas realizados um dia após o colapso de saúde gerado pelo agravamento da pandemia de COVID-19 em Manaus: neste infeliz acontecimento, o aumento de casos da doença causada pelo corona vírus sobrecarregou o sistema de saúde, esgotando o estoque de oxigênio e levando a morte pacientes por asfixia (ESTADÃO, 2021). Neste episódio, esportistas e artistas se mobilizaram nas redes sociais com a finalidade de atenderem a falta do oxigênio necessário para o tratamento da doença. Na ocasião, um dos comentaristas da mesa, o historiador Luiz Antonio Simas afirmava que os jogadores brasileiros pouco se posicionaram mediante o caso, alertando ainda para o aparente gosto dos atletas em “ser alienado”.

É válido destacar ainda que este programa contém uma dinâmica diferente dos demais mencionados aqui até então: há uma significativa participação do público a partir da utilização de *hashtags* nos diferentes assuntos abordados durante o programa. Esta forma de interação permite destacar um movimento que se orienta em um sentido contrário à demanda pela mobilização e politização dos jogadores: a recusa da maioria do público em abordar assuntos que sejam candentes na sociedade e na política.

A situação do jogador do futebol, portanto, opera entre os dois mundos distintos: de um lado, a pressão proveniente de um certo jornalismo esportivo “progressista” em se posicionar politicamente em todos os assuntos da sociedade e, por outro lado, uma massiva recusa, dado que ambos os ambientes não realizam aproximações. Dado este panorama, como compreender sociologicamente a recusa da política tanto por parte dos jogadores quanto por parte dos torcedores?

Na viciosa mercadorização de todos os elementos que pertencem ao universo do futebol, uma delas acaba sendo o paradigma, no qual dois acontecimentos acontecem: de um lado, se processa o ocultamento de uma variedade de problemáticas possibilitadas a partir desta lógica capitalista e de outro, forma a mentalidade de ampla parcela dos profissionais deste ambiente, sejam eles jogadores ou não: a mercadorização do jogador, um significativo processo de reificação que, no jargão jornalístico, transforma o jogador em uma “peça”. Nesse sentido, na medida que se constrói a marca do jogador para o mercado, este só pode estar focado e ser educado nas dimensões deste ambiente. Qualquer valor civilizacional, que diz respeito à coletividade, pouco tem a dizer para si.

O jargão do jornalismo esportivo está presente de forma direta nesta compreensão na medida que veicula uma imagem hegemônica acerca do jogador de futebol, no qual não o subentende mais como um trabalhador, mas sim como um objeto. Esse fenômeno se evidencia com termos como “joia bruta”, “pé de obra” e tantos outros que originariamente não pertenciam ao mundo do futebol. A utilização deste linguajar que seria proveniente de uma esfera econômica e do espetáculo demonstra a amplitude do êxito da ideologia total do capitalismo neoliberal. Tais ações discursivas resultam em uma notável violência simbólica, requerendo que o jogador justifique a todo momento pelos pés a sua qualidade, se fazendo presente a todo momento a lógica de autossuperação.

Esta ampla utilização desdobra em algumas consequências que escoam em diversas esferas. Além de eliminar a possibilidade de organização clássica – se insere um entendimento de que os jogadores de futebol não são trabalhadores, mas sim protagonistas de um espetáculo –, sob a justificativa de uma incontestável realidade dos altos salários (a uma faixa muito limitada de jogadores, é válido destacar), se constrói a ideia de que o profissional do futebol deve aguentar a exaustão física com recorrência de treinos e partidas oficiais (uma lógica que continua presente de maneira oculta na pandemia da COVID-19, conforme procuraremos demonstrar no Capítulo III). Além do mais, o elemento que avalia os jogadores seja por parte da imprensa ou por parte dos torcedores é a métrica do desempenho do atleta, eliminando toda dimensão que o define como pessoa: as perspectivas psicológicas, físicas, mentais e culturais.

Se de um lado essa dinâmica faz parte inerente da mídia esportiva e de uma parcela de torcedores, ela atinge os jogadores em suas estruturas cognitivas, reordenando um conjunto de práticas mentais que legitimam esta reificação. Ao aplicar a compreensão de Adorno e Horkheimer (1985) na produção massiva de jogadores, sua identificação com o caráter individualista de sua profissão se faz presente em um grande contingente de jogadores, fazendo ele parte do “topo da pirâmide” ou não. Nas narrativas esportivas e na própria construção ideal do que significa ser um jogador de futebol está presente a necessidade de vencer o trágico, de superar suas condições de pobreza e marginalidade na sociedade. Além deste constructo ideário ser responsável por adequar o indivíduo ao modelo de sociedade, a interpretação que se subtrai desta possível vitória é sua definição ontológica amparado em seus pés: se é um jogador de futebol a todo momento e em qualquer âmbito da sociedade. No plano do inconsciente, portanto, a jornada do jogador viabiliza e legitima esta viciosa reificação.

Essa contínua avaliação do desempenho do jogador não permite o adverso, ou seja, retira de seu horizonte de possibilidade a partida má jogada ou a temporada de pacato êxito. Na medida que se é a todo momento o *homo oeconomicus* no universo do futebol, o valor de mercado do jogador corrobora com seu processo de reificação: a alta fluidez do mercado futebolístico com um grande aporte do capital financeiro aumenta na medida que o sucesso do jogador se realiza dentro de campo, enquanto diminui no movimento de decadência de seu êxito. Nesse sentido, a reificação do jogador se realiza tanto nas estruturas objetivas do futebol (a mídia esportiva, o famigerado “mercado da bola”, a produção industrial de jogadores), como também no plano subjetivo, isto é, na interpretação de sua profissão enquanto uma categoria individualizante, impossibilitando a organização em torno de objetivos comuns e dando legitimidade ao processo de vitória do trágico.

Este processo, no entanto, não se esgota facilmente. Transformado em uma mercadoria, o jogador se insere no mercado da bola o elemento de movimentação financeira entre clubes que buscam de um lado o reforço de suas equipes, e por outro lado, a exportação de seus produtos⁶. Nesse sentido, a transferência de jogadores é o elemento que a lógica da reificação se realiza em sua plenitude.

2.2 Entre a política e a apolítica: as torcidas ultras

As esferas do torcer são impactadas de forma significativa pela ideologia neoliberal, reproduzindo violências tanto objetivas quanto subjetivas para com os protagonistas do espetáculo. Neste sentido, é de fundamental importância que compreendamos o peso que as torcidas ultras desempenham neste ambiente, e em específico suas manifestações políticas e apolíticas.

As torcidas ultras foram historicamente um fenômeno mais estigmatizado do que compreendido. Uma das primeiras confusões conceituais acerca de suas formas de atuação e exacerbação da violência, bem como a composição de seu quadro associativo é sua direta relação com o *hooliganismo*, característico das torcidas inglesas. Há, segundo Podaliri e Balestri (1998), uma diferença significativa: enquanto o movimento *hooligan* tem uma longa trajetória que remonta desde o século XIX e é identificado como “bandidos”, os torcedores ultras emergem em um momento de convulsão social na Itália,

⁶ A associação intencional de jogadores a “produtos” ou “coisas” visa justamente reproduzir em sua integridade a concepção do jogador enquanto um produto, e não enquanto um trabalhador.

sobretudo os acontecimentos políticos de fins da década de 1960 que dotaram o sentido e o significado da cultura torcedora. O antropólogo brasileiro José Paulo Florenzano destaca da seguinte forma o ambiente e itinerário que influenciaram a formação dos ultras:

Iniciado nos últimos anos da década de sessenta e nos primeiros da de setenta, o itinerário seguido pelo movimento atravessara as barricadas erguidas pelos estudantes nas ruas de Milão contra a “repressão policial”; contornara as paralisações nas fábricas de Turim decretadas pela classe trabalhadora que ansiava ingressar no paraíso da sociedade de consumo; cruzara o caminho dos “manifestantes anarquistas” que apedrejavam, na cidade de Cagliari, a comitiva do papa Paulo VI, como forma de protesto contra a ostentação do luxo na “região mais miserável” do país; fora contemporânea da “era do terrorismo” inaugurada pela bomba de teor fascista colocada no dia 12 de dezembro de 1969 no saguão do Banco Nacional da Agricultura, localizado na praça Fontana, em Milão, com dezesseis mortos e oitenta e quatro feridos (FLORENZANO, 2010, p.154).

Esse movimento progrediu de seu formato inicial e é possível estabelecer sucessivas fases que destacam formas distintas de conduta. No entanto, a ausência de regras não era uma característica dos ultras: fortemente vinculados aos movimentos políticos que transformaram significativamente a política e a cultura da Europa, os torcedores ultras se educaram através de um código de ética que compreendia que a violência tinha uma finalidade, um meio para atingir um determinado fim. Além de evitar sua banalização, este comportamento era permitido sobretudo dentro dos espaços dos estádios, na medida que se definia os inimigos na figura dos torcedores de times adversários.

A expansão desta cultura torcedora a cidades menores propiciou uma adesão desenfreada de posições políticas extremistas, a partir da qual passou a ser destacado um forte vínculo com o local e o provinciano, desvirtuando em algum grau os acordos morais e éticos e possibilitando que se cultivasse manifestações racistas e xenófobas por boa parte de seus filiados.

Essa expansão, que foi um dos sintomas de uma crise que se processava internamente (ROVERSI; BALESTRI, 2000), levou a uma alteração no perfil de filiação: segundo Podaliri e Balestri (1998), essa tendência tornou habitual a inserção de jovens entre 14 e 16 anos identificados com o personagem Alex, do filme *Laranja Mecânica*. Além do mais, os referidos grupos representavam uma sociedade em transformação, resultantes “de um período na qual a sociedade civil foi dominada pelo hedonismo, exibicionismo e o desafeto pelo compromisso social e político” (PODALIRI;

BALESTRI, 1998, p.95). De forma similar, Antonio Roversi e Carlo Balestri destacam este panorama da seguinte maneira:

De modo mais geral, porém, os ultras acabaram se tornando o espelho de uma sociedade cada vez mais atomizada, cada vez menos capaz de produzir motivos e valores de união (ROVERSI; BALESTRI, 2000, p.192).

Esse descompromisso com o social, o político e até mesmo com a moral, foi acompanhada de dois processos que ocorreram concomitantemente: ao decorrer das partidas oficiais foi possível encontrar um adensamento de tais posições políticas, sobretudo aqueles referentes ao fascismo e ao nazismo. Contextualizada nas profundas mudanças que a Europa passava entre os anos de 1980 e 1990, o universo ultra promoveu no futebol o desaparecimento da memória histórica, reavivando ideologias que causaram profundos celeumas no continente europeu em um passado recente.

Fora do estádio, os novos grupos ultras que pregava um desaparecimento com qualquer tipo de liderança, atacava uma das pedras angulares do movimento: o “princípio do monopólio da violência” (PODALIRI; BALESTRI, 1998, p.95). A regra de que a violência só poderia ser praticada em momentos específicos, contra determinados “inimigos” bem demarcados e dentro dos estádios, já não fazia mais sentido para os novos torcedores. A ética de sua conduta era exacerbar a violência em qualquer que fosse o contexto, sobretudo fora dos estádios.

Esse processo chega as últimas consequências no dia 29 de janeiro de 1995. Em uma partida entre Genoa e Milan, foi deflagrado um confronto entre as torcidas no espaço externo ao estádio, culminando na morte do jovem Vincenzo Spagnolo. Esse acontecimento provocou uma grande animosidade tanto para os torcedores genoveses (eles solicitaram a interrupção da partida em respeito ao seu torcedor), quanto para a sociedade italiana em geral, instaurando um clima que se demandava medidas repressoras aos torcedores (PODALIRI; BALESTRI, 1998; ROVERSI; BALESTRI, 2000).

O desdobramento deste acontecimento se materializou através de uma prescrição legislativa: a Lei 401. Além de impedir que torcedores denunciados por atos violentos adentrassem nos estádios, ela foi responsável por reorientar o sentido e significado da relação com o torcer nos estádios: a tentativa de “domesticação” da prática torcedora na medida que busca a progressiva transformação do torcedor no consumidor, em conluio com a indústria do futebol.

Neste mesmo contexto histórico, a queda das barreiras políticas e econômicas que impediam outrora a vinda de jogadores de diversos países, sobretudo na Itália, permitiu uma “Babel de línguas e táticas” (LA GAZZETTA DELLO SPORT *apud* FLORENZANO, 2010, p.151), transformando significativamente o universo do futebol. Ainda que se pode enquadrar tal fenômeno como característico da globalização, sua novidade se enquadra na maximização deste panorama, havendo, portanto, um percurso histórico que o antecede.

Buscando estabelecer um sequenciamento histórico sobre o processo de globalização no Ocidente, Robertson e Giulianotti (2006) estabelece cinco fases: inicial, desenvolvimento, expansão, luta pela hegemonia e incerteza. Ainda que já se tenha exposto o processo da globalização no capítulo anterior, o que nos interessa aqui são as homólogas fases da globalização no futebol, em específico uma decisiva: a “luta pela hegemonia”, responsável por antecipar características fundamentais do futebol contemporâneo.

Segundo os autores, este contexto histórico se refere entre os anos de 1920 e 1960. A compreensão de que mudanças deveriam ser realizadas no futebol para tornar-se um esporte mais atraente tanto aos telespectadores quanto aos jogadores – a tentativa de desenraizarem os jogadores de suas nações, realizando migrações principalmente para a Europa –, fez com que ocorresse uma releitura acerca do modo de jogar e do planejamento da carreira do jogador. Conforme a passagem abaixo, Robertson e Giulianotti (2006) destacam uma certa configuração do futebol referente a “primeira modernidade”:

Os melhores jogadores de futebol começaram a considerar-se como heróis locais e nacionais, mas também crescia seus status no estrangeiro: na Europa aumentavam a mobilidade, os salários e o lucro fora de campo. Ao final deste período, os jogadores de futebol mais destacados começaram a mudar seu status de “herói”, como atores épicos que representam a equipe local ou nacional, para converter-se em “estrelas” ligadas a produtos comerciais e com sua imagem nos meios de comunicação de todo o mundo. As táticas futebolísticas e os êxitos nas competições se relacionavam cada vez mais com as ideias e os discursos nacionalistas (ROBERTSON; GIULIANOTTI, 2006, p.15).

Este processo que já tivera seu início gestado no período em que dinâmicas importantes e devastadoras ocorria no mundo (a crise de 1929, a eclosão do fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha, a Segunda Guerra Mundial e, principalmente, a reconstrução da economia dos principais países do mundo no pós-guerra), foi

intensificado desde o fim dos anos de 1980, tendo como catalisador as problemáticas formas de torcer dos ultras. Nesse sentido, ao passo que a cada vez mais era dispendido valores maiores para atrair jogadores ao redor do mundo, surgia uma resposta política e devastadora: o racismo protagonizado por tais segmentos de torcedores. Portanto, o racismo velado, a xenofobia, a não aceitação do imigrante tanto nos estádios quanto na sociedade, o retorno ao ideário puro do povo italiano, são elementos de um processo que nutre uma relação antagônica com a mercadorização do futebol no mundo globalizado.

Ambas as esferas do futebol neste presente período se relacionam de maneira dialética. De um lado, a oportunidade de transpor as barreiras fronteiriças e buscar nas “periferias do globo”⁷ jogadores que apresentavam um oportuno ganho futebolístico, seja em matéria de lucro – a compra por uma baixa cifra e, posteriormente, a maximização de seu valor –, quanto em matéria dos ganhos que eles poderiam propiciar na conquista de títulos. Por outro lado, a reação de não aceitação, externalizados verbalmente pelo racismo e a xenofobia.

Aos jogadores, portanto, lhes restava um duplo combate: o jogo de futebol que requer a cada vez mais um disciplinamento tático e técnico. Os seus segundos adversários, e este se colocava de forma mais dificultosa de enfrentamento, eram os torcedores refratários a vinda de grande contingente de jogadores. Nesse sentido, era colocado um compromisso e dever a tais jogadores de uma afirmação incontestante de sua identidade e pertencimento nesta cultura do mundo global.

⁷ Compreendendo que a ida de jogadores provenientes do futebol africano para a Europa, em específico a Portugal e França, o antropólogo Lucas Martins Santos Melo destaca que tal fenômeno está relacionado com a trajetória colonial de tais nações, realizando, assim, uma moderna forma de espoliação da “matéria bruta”, na medida que a ida de jogadores jovens a tais países visa tanto a inserção no mercado globalizado do futebol, quanto a seu disciplinamento educativo e corporal. Ver: MELO, 2017.

3 O FUTEBOL EM TEMPOS DE PANDEMIA OU A PANDEMIA EM TEMPOS DE FUTEBOL?

O sentimento nutrido pelo ano de 2020 era de muita empolgação quanto ao universo desportivo. Três grandes eventos eram esperados: os Jogos Olímpicos, a ser disputado no Japão; a Eurocopa, campeonato disputado no continente europeu; e a Copa América, esta última tendo como palco o solo argentino e colombiano. No entanto, a eclosão da pandemia declarada em março pela Organização Mundial da Saúde (OMS) por decorrência do novo coronavírus levou os esportes em gerais, tais como seus meios de cobertura, a se reinventarem.

Além das ciências médicas e epidemiológicas aglutinarem esforços durante esse ano em busca da compreensão deste vírus, suas possíveis formas de tratamento e, principalmente, a descoberta de vacinas que sejam capazes de possibilitar um certo retorno à normalidade, a sociologia vem oferecendo campo fértil para tal empreendimento. Na tentativa de buscar os problemas apontados pelas Ciências Sociais acerca dos problemas contemporâneos, podemos mencionar um que ganha grande relevância no atual contexto: a queda das fronteiras nacionais – ou neste caso, sua porosidade – abre margem para que os eventos se desterritorializam de sua localidade, alcançando lugares distantes do globo. Neste panorama, conforme nos apresenta o filósofo italiano Giacomo Marramao (2009), o filme *Babel*, do diretor mexicano Alejandro Gonzáles Iñárritu, capta de forma acertada este mundo que é “interdependente e diferenciado” (MARRAMAIO, 2009, p.7). A partir deste diagnóstico, podemos compreender que, no caso do novo coronavírus, os impactos que cada país sofre se processa de forma homogênea, mudando as respostas políticas as quais cada nação consegue produzir.

Desta forma, as páginas finais de obra de Hartmut Rosa (2019) têm uma grande relevância, dado os possíveis horizontes que se tornam cada vez mais atuais. O sociólogo alemão destaca que o ritmo frenético da acelerada sociedade contemporânea poderia chegar ao seu colapso. Além do fenômeno referente a queda das fronteiras nacionais, a acelerada descoberta de novas tecnologias informacionais e a incapacidade da política institucional e democrática em formar uma certa “cultura nacional”, são componentes que ajudam a compreender o atual momento que estamos. Desse modo, portanto, essas mudanças que começaram a quarenta anos atrás e que se consolidaram atualmente,

poderia provocar danos irreversíveis para a sociedade. É neste sentido que Rosa (2019) destaca:

Pode-se supor que a perda da capacidade de se balancear movimento e inércia levará a sociedade moderna, por fim, a catástrofes nucleares ou climáticas, como doenças a se alastrar rapidamente ou novas formas de colapso político, assim como levará à erupção de violência descontrolada, que se pode esperar especialmente dos lugares em que as massas excluídas pelos processos de aceleração e crescimento levantam barricadas contra a *sociedade da aceleração* (ROSA, 2019, p.635-636).

Este panorama que se reveste de um tom apologético se disseminou no mundo com a pandemia do novo coronavírus, compreendido na literatura médica como COVID-19 ou SARS-CoV-2. Além de seu considerável impacto na saúde humana, a atual crise sanitária levou uma paralisação global de atividades que geravam aglomeração, fossem elas educativas, econômicas ou futebolísticas.

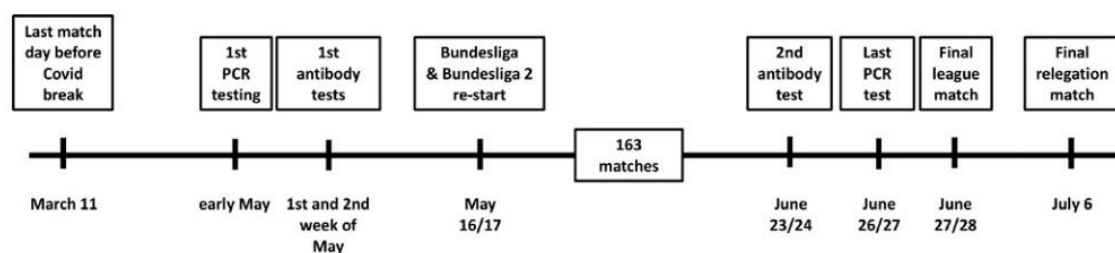
3.1 Entre a aceleração e a desaceleração: o futebol e seus correlatos

Em entrevista ao jornal *Der Tagesspiegel* em março de 2020, Hartmut Rosa destacava que a atual pandemia era o “desacelerador mais radical de nosso tempo”. Segundo o sociólogo alemão, ainda que em episódios pontuais na história ocidental houvesse “desacelerações parciais”, nunca houve um acontecimento que provocasse uma desaceleração conjunta das estruturas da sociedade (ROSA, 2020). Indo ao encontro desta compreensão e utilizando a própria teoria da aceleração social para compreender os efeitos gerados pela pandemia no mal-estar do indivíduo, Dugnani (2020) destaca que a situação pandêmica pode ser compreendido como uma “desaceleração por limite das velocidades naturais, pois acaba sendo imposta por um fenômeno físico ou natural, no caso, o avanço de uma doença” (DUGNANI, 2020, p.226). A partir desta compreensão é possível auferir que presenciamos uma nova época em que todos os modelos padrões de sociabilidade não estão mais ao dispor da humanidade.

Neste contexto, a condição necessária para que a continuidade do futebol de alto rendimento fosse normalizada, era a constituição de protocolos epidemiológicos e sanitários a serem colocados em práticas pelos clubes. Tendo como principal inspiração o retorno bem sucedido do futebol em maio de 2020 na Alemanha, a mobilização em torno dessa volta visava colocar em prática as mesmas condutas adotadas. Por via de

regra, elas se basearam em duas diretrizes: de um lado, a implementação rígida de protocolos de higiene e conscientização, que chegou a incluir um determinado tempo de quarentena antes do retorno do campeonato. Por outro lado, houve a realização massiva de testes RT-PCR e sorológicos para todos os profissionais do meio futebolístico (MEYER et al., 2021)⁸. A figura abaixo demonstra a trajetória que o futebol no país germânico teve de passar visando o retorno e continuidade dos campeonatos.

Figura 1 - Calendário do futebol alemão desde sua interrupção até sua finalização.



Fonte: MEYER et al, 2021.

Naquele país, os resultados satisfatórios demonstraram que a aplicabilidade de controles epidemiológicos rígidos permitiu que não ocorresse uma aceleração de casos de COVID-19. Apesar da realização de 163 partidas oficiais entre os meses de maio e junho de 2020, foi demonstrado que nenhum jogador ou membro da comissão técnica foram infectados de forma grave ou padeceram pela doença. A conclusão era que, dado os esforços intensificados, o futebol seria um espaço privilegiado onde a transmissão do coronavírus não ocorreria de forma significativa.

Seguindo as mesmas recomendações, se intensificou o retorno de campeonatos em níveis regionais, nacionais ou internacionais. O conjunto de medidas sanitárias permitiu enxergar que o futebol, como talvez nenhum outro elemento da sociedade global, seria impossível de desacelerar, continuando uma aceleração desenfreada e culminando em uma grande quantidade de jogos disputados em um período cada vez mais escasso. De forma figurativa, podemos compreender este fenômeno através da seguinte passagem:

A desaceleração ou inércia é percebida facilmente por uma experiência física. Basta frear um carro para percebê-la. Como a inércia é a tendência dos corpos de se manterem na situação em que se encontram,

⁸ Conforme os autores do artigo buscam demonstrar, a realização de testes RT-PCR visa identificar a presença do vírus – e mais especificamente da COVID-19 – no tempo imediato. Por outro lado, os testes sorológicos tem por finalidade identificar a presença de anticorpos, ou seja, a tentativa de captar se os profissionais do futebol já haviam entrado em contato com o coronavírus.

ao frear um carro, seu corpo tende a querer continuar em movimento, por isso é projetado para frente. Dessa forma, sofre-se o efeito da inércia no corpo, pois ao parar muito repentinamente, o corpo tende a continuar em movimento. Essa metáfora reflete o que o corpo e a mente do sujeito hipermoderno têm sofrido com a desaceleração provocada pela pandemia de Covid-19, uma vontade de se manter em movimento acelerado (DUGNANI, 2020, p.226).

Esse ritmo irrefreado de partidas disputadas abalaram significativamente a configuração do futebol de alto rendimento, no qual requer que jogos sejam pontuados por treinos que são responsáveis por organizarem as equipes nos níveis tático, técnico e mental. Em sua coluna no jornal O Globo, o jornalista André Kfourri ressalta este fenômeno à brasileira – mas que também esteve presente nas principais ligas europeias do mundo –, em que as temporadas de 2020 e 2021 se conectaram de modo a não permitir qualquer pausa para descanso de atletas, nem mesmo planejamento prévio da temporada que se inicia por parte dos treinadores (KFOURI, 2021). Cabe, portanto, indagar e empreender uma tentativa de compreensão dos motivos de sua continuidade, levando em consideração o cenário de colapso sanitário e econômico.

É necessário, portanto, retornar no momento em que os campeonatos paralisaram. O que se verificou foi um processo que acometeu sobremaneira a dimensão física dos atletas. Em primeiro lugar, a interrupção de jogos levou os jogadores a ter um treinamento físico debilitado, dado que os espaços preparatórios de sua prática profissional foram interditados. Em segundo lugar, para que a retomada dos jogos se adequasse ao calendário, era preciso que se realizasse uma alta carga de partidas em um curto espaço de tempo. O resultado deste processo não poderia ser diferente: segundo matéria do Goal (2021), neste período houve um alto número de jogadores lesionados nas principais ligas do mundo, chegando a alarmante cifra de 73%. Em conjunção com os atletas que foram infectados pela COVID-19, o desempenho coletivo das equipes fora comprometido, na medida que a infecção afeta os principais órgãos do corpo humano.

Ainda assim, a necessidade e urgência de continuar suplantou os riscos decorrentes. No âmbito do jornalismo esportivo, a área do esporte que em tese dependeria da ocorrência de jogos e disputas oficiais, manteve suas transmissões. Segundo Vasconcelos (2020), no breve período correspondente a março e maio, continuou ocorrendo um total de 21 programas, sendo divididos em noticiários e mesas-redondas.

Ainda que seus principais componentes tenham perdido vitalidade (a materialidade e a instantaneidade), os programas puderam serem classificados nas

seguintes dimensões segundo o autor: pandemia, memória, desempenho, bastidores e outros. Cada uma destas categorias apresentam as seguintes características e um determinado *modus operandi*:

A apresentação das categorias revela semelhanças e diferenças entre essa cobertura específica, realizada no auge da pandemia, e aquilo que se veiculava anteriormente. A mudança mais clara foi o desaparecimento do jogo inédito e de suas repercussões imediatas, que se esgotaram enquanto matéria-prima, acontecimentos de primeira ordem, da indústria jornalística. Como consequência, observou-se uma segunda transformação: os programas esportivos precisaram acionar outros registros de atualidade para além do instantâneo, limitado a algumas análises sobre os efeitos diretos da COVID-19. Nas demais situações, couberam pautas cuja temporalidade esteve associada a um passado remoto, a um presente dilatado ou a um futuro em perspectiva (VASCONCELOS, 2020, p.12).

Apesar da visível reinvenção operada pelo jornalismo esportivo devido a pandemia, o autor ainda destaca que uma de suas principais marcas do futebol foi mantido: a cobertura massiva do futebol masculino, dando pouca abertura para o futebol de mulheres e outras modalidades do esporte. É possível auferir que a nova forma não correspondeu com um possível novo conteúdo: elementos já tradicionais do jornalismo esportivo permaneceram na grade de transmissões.

No futebol de alto rendimento, no qual está estruturado a partir de uma produção massiva nos mais diversos âmbitos (da vitória, do jogador, do treinador e dos jogos oficiais), a longo prazo o impacto será decisivamente prolongado (MUNDO DEPORTIVO, 2020). É curioso destacar que a própria métrica realizada para medir o que é e o que será o futebol no contexto pandêmico é avaliando suas perdas exponenciais de rendimento, no qual o futebol europeu – logo, aqueles disputados nas principais ligas do mundo e que tiveram a capacidade de se globalizar – serão acentuadamente mais afetados.

Nesse sentido, coloca-se uma necessidade de tentar remediar as amplas mazelas da atualidade. A atual proposta da criação de uma Superliga Europeia, aglutinando os principais clubes do mundo em termo de retorno financeiro e prospecção internacional, encaminha nesta direção, buscando evitar o duro golpe que os clubes vêm passado – segundo Andrea Agnelli, presidente do Juventus Football Club, em duas temporadas estima-se que a perda gira entre 6,5 bilhões a 8,5 bilhões (PEDULLÀ, 2021). A proposta claramente está revestida de um tom objetivo, ainda que houvesse gerado respostas antagônicas.

Amparado na falsa dimensão da forma pela qual os donos dos clubes olham para eles como uma forma de extração de mais valia, a reação internacional se mobilizou e se firmou contrário a tal proposta. No entanto, o que se verifica é uma tentativa de retorno a um passado distante, onde os clubes e seus jogadores não estavam amparados na dimensão global, mas sim em suas próprias localidades. De certo modo, pode ser destacado que se presenciou na metade do mês de abril um fervor político de tipo populista no universo do futebol (CAMINITI, 2021), tentando receitar medidas que contrariam significativamente o atual tempo histórico.

3.2 Futebol brasileiro: a política do “pão e circo”?

Ainda que em março de 2020 o risco perpetrado pela COVID-19 estivesse chegando ao Brasil, especialistas da área da saúde olhavam com um certo otimismo. Uma das maiores vozes da área médica no país, Drauzio Varella havia pronunciado em janeiro de 2020 que não havia motivos para a população brasileira se preocupar com o novo coronavírus⁹: na época, o médico entendia que a doença ainda não demandava uma mudança abrupta de hábitos da população. Além do mais, existia uma certa crença de que o Sistema Único de Saúde (SUS) seria capaz de lidar com as adversidades que a crise sanitária traria. Esta crença, no entanto, logo se desfez.

A acelerada disseminação do vírus assomada com controles sanitários débil por parte dos principais mandatários do país, seja em nível municipal, estadual ou federal, contrariou de forma definitiva as medidas eficazes que pudessem combater o novo vírus. Restando ao sistema de saúde seu enfrentamento, em pouco tempo a sociedade brasileira se viu sem saída, dado que por mais bem construído politicamente que ele fosse, ele não suportaria os abalos devastadores de uma doença que deixa grandes sequelas, tanto físicas quanto emocionais. É válido destacar ainda que, o modelo de governança produzido pela racionalidade neoliberal que se hegemonizou durante os últimos quarenta anos no Brasil e no mundo, se fazendo presente até mesmo nos governos de esquerda (BROWN, 2015), foi responsável por produzir políticas que afetassem os principais programas de saúde, representando perdas substanciais na saúde pública. Nesse sentido, Bufrem (2020) destaca:

⁹ É preciso pontuar que a mesma fala foi restaurada posteriormente com o objetivo de realizar ataques provenientes de grupos de extrema-direita alinhados com o governo federal. Ver: AFONSO, 2020.

Apesar de todas as conquistas democráticas, a conquista do SUS vem sendo destruída dia a dia pelos sucessivos governos, facilitando as investidas da iniciativa privada, com a permissão da existência de um sistema complementar. Atualmente, o sistema público de saúde está sendo vítima de crescente privatização e desresponsabilização das gestões nos níveis municipal, estadual e federal, e que apesar disso, tem sido a salvação do país (BUFREM, 2020, p.112).

Com isso, foi inaugurado um processo no Brasil que amplifica suas contradições internas e desvirtua os potenciais do país em matéria de atrativo e competitividade em cenário internacional. Tais contradições estão centradas no aumento do número desempregados, a extensão da faixa da pobreza e da extrema pobreza e, conseqüentemente, a diminuição do poder de consumo da população.

As ações voltadas para o combate da pandemia por parte do presidente da República foram problemáticas desde o seu início. Suas atenções foram voltadas sobretudo no contrário daquilo que seria necessário, ou seja, desacreditando o potencial de mortalidade da doença, identificando por vezes como uma “gripe passageira” e apostando na imunização coletiva – quanto mais pessoas se contagiassem, mais rápido seria a criação de anticorpos, instrumento de defesa corpórea necessário para a proteção contra vírus. Acerca da paralisação do futebol, Jair Bolsonaro entendia que a interrupção dos campeonatos poderia gerar “histerismo” por parte da população.

É neste momento que houve sucessivas medidas por parte dos principais órgãos futebolísticos em fechamento dos portões, evitando a entrada de torcedores nos estádios. À época, o técnico Renato Gaúcho afirmava: “Não estamos imunes. Não adianta nada fechar os portões. A torcida fica protegida e dane-se quem trabalha no futebol?”. No mesmo sentido, o então jogador do Internacional, Damián Musto, apelava: “Jogam a vida da gente como se fosse um videogame. Parem antes que seja tarde” (PIRES, 2020).

Se este movimento de consciência acerca dos riscos do novo coronavírus continuasse nesta direção, certamente a volta dos campeonatos tardaria a retornar. No entanto, cerca de três a quatro meses mais tarde, se verificou os campeonatos voltando ao redor do mundo, e aqui no Brasil continuou este rumo de maneira irrefreada.

Sigoli e Rose Junior (2004) demonstram que historicamente os esportes foram utilizados com finalidade política. Da política do pão e circo a utilização do esporte como “instrumento de disciplina e fortalecimento do trabalhador” (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2004, p.112), se evidencia que não há regime político ou forma de organização societária que ele não esteja abarcado pelas principais forças políticas e econômicas.

A ideia central de sua obra é que os esportes não têm a capacidade de produzirem ideologia própria, levando os governos a instrumentalizarem sua prática da forma que os convêm. Além de representarem os modelos de conduta dos indivíduos dada sua configuração interna (EHRENBERG, 2010), o esporte passa a ser uma forma de distanciamento dos problemas coletivos, produzindo aquilo que o sociólogo Karl Mannheim (1956) denomina como “falsa consciência”.

Segundo os autores, a política do pão e circo fora amplamente difundida na Roma Imperial como uma forma de apaziguamento social, uma maneira de “domesticar” a população dos poderes ditatoriais dos governantes, atribuindo a elas comida (pão) e espetáculos (circo). Ainda que na historiografia o termo seja alvo de reconsiderações acerca de sua validade científica, o fenômeno do “pão e circo” é amplamente concebido como uma forma política e ideológica de alienação. Visando realizar um balanço acerca de tais visões historiográficas, Araujo e Vieira (2015) destacam:

Na Cidade, onde as massas compreendiam cento e cinquenta mil ociosos que a assistência pública dispensava do trabalho e talvez outros tantos trabalhadores que do começo ao fim do ano cruzavam os braços depois do meio-dia e aos quais, entretanto, era negado o direito de empregar a própria liberdade na política, os espetáculos ocupavam seu tempo (...). Os Césares não deixaram a plebe romana bocejar, nem de fome nem de tédio. Os espetáculos foram a grande diversão para a ociosidade dos súditos e, por conseguinte, o instrumento seguro de seu absolutismo. Cercando-os com cuidados, o que consumia somas fabulosas, conscientemente providenciaram a segurança de seu poder (CARCOPINO *apud* ARAUJO; VIEIRA, 2015, p.29-30).

Esta abordagem denominada pelos autores como tradicional ou classicista tem como perspectiva uma história contada pela aristocracia. Segundo essa interpretação, os césares haviam de encontrar meios necessários para que retirasse do poder da plebe seus instrumentais propícios para uma mudança política estrutural. Nesse sentido, seus objetivos eram justamente a neutralização política de substratos inferiores da população, atuando nas seguintes perspectivas:

os jogos e as distribuições frumentárias são os dois alicerces da política imperial. Diverte-se a multidão que exige o sensacional. Encenações de grandes espetáculos, a morte de homens ou de animais é o lote cotidiano de um público que pede para ser enfeitado (ROBERT *apud* ARAUJO; VIEIRA, 2015, p.34).

Correlacionando a presente passagem com o cenário futebolístico do ano de 2020, o retorno e logo sua continuidade, desconsiderando o alto nível de infecção e,

principalmente, as milhares de vidas ceifadas no Brasil e no mundo, teve como função o abrandamento dos dilemas cotidianos, na medida que o espetáculo é o sedativo que torpece o indivíduo desses acontecimentos. Nesse sentido, o processo de despolitização massivo que vigora na sociedade se aprofunda e toma novos contornos com o futebol neste contexto.

Ainda que o espetáculo tenha continuado, de que maneira é possível compreender a aceitação de atletas e membros da comissão técnica em permanecer neste fluxo, se sujeitando a contaminação do vírus e sob risco da morte?

Como o modelo alemão sugere, as mudanças empreendidas para a prática do futebol permitiram que houvesse uma vertiginosa reconfiguração interna. Em um momento pré-pandêmico, o futebol requeria alguns ritos que marcam este esporte como nenhum outro: a presença de torcedores que performam o significado de seus times nos jogos a partir de cantos e hinos que demonstram sobretudo a força de suas equipes; os contatos diretos entre jogadores, seja na necessidade de marcar o oponente ou na explosão de felicidade conjunta no ato de vitórias e conquistas de títulos.

Em chave de leitura goffmiana, o futebol haveria de produzir novas interações face a face (GOFFMAN, 1983), simbolizando de forma distinta seus significados para seus adeptos. Ora, apesar de a ausência de torcidas nos estádios permanecer uma medida contínua nas principais ligas e campeonatos ao redor do mundo, logo se pôde observar que evitar o contato entre os jogadores seria uma medida “descabida”: em um esporte eminentemente de contato e de forte presença física, a tentativa de se produzir distanciamento não surtiria os efeitos necessários¹⁰.

Além das transformações mais visíveis nos jogos oficiais, o impacto da COVID-19 se deu também no dia-a-dia dos clubes, na medida que havia a necessidade de se adaptar os treinamentos para jogadores recém recuperados e reinventar formas de acompanhamento para treinadores ou membros da comissão técnica.

Ainda assim, o futebol continuou, e parte de suas reinvenções para continuar existindo durante a pandemia deixou efeitos nocivos para os clubes: durante todo o ano de 2020, os clubes brasileiros tiveram um total de 320 casos positivados, incluindo jogadores e membros da comissão técnica, tendo por consequência além do risco da morte

¹⁰ No tocante ao problema epidemiológico, o contato entre jogadores ao decorrer das partidas não produziria significativas consequências, dado que o elevado grau de contaminação se refere mais aos ambientes externos de seus ambientes de trabalho (MEYER; et al, 2021).

própria e da contaminação de seus familiares, um desempenho debilitado, dado o grande número de desfalques (VIANA; CASTELLO BRANCO; MADLESON, 2021).

Um outro segmento que o vírus disseminou de forma rápida, ampliando significativamente o número de infectados em comparação com os demais segmentos do futebol, foi a arbitragem. Segundo um relatório divulgado pela Associação Nacional de Árbitros de Futebol (ANAF), o contingente de infectados chegou ao número aterrador de 35%, infectando 280 dos 781 profissionais que a CBF dispõe em seu quadro (ZARKO; SCHMIDT, 2021). Compreende-se, com esse fenômeno, que nenhum dos elementos que continuaram ativos nesta “megamáquina” do futebol ficariam isentos de terem sua saúde debilitada.

Apesar de todo este estado de coisas, o futebol prosseguiu seu ritmo acelerado pulando obstáculos dos números cada vez mais alarmantes de mortos e infectados. A política do pão e circo do século XXI se fez, ao caso brasileiro, a partir da prática do esporte que requer duas condições: de um lado, a saúde física e mental dos atletas; de outro lado, a existência de torcedores para captar e acompanhar seus times em seus respectivos momentos. De modo adverso, a realidade foi que sua continuidade se deu em um momento que a saúde dos atletas nem sempre se fez presente de maneira íntegra, como também um potencial decaimento do número de torcedores dado o progressivo ritmo de mortandade.

3.3 A situação do jogador no cenário pandêmico: a manifestação da racionalidade neoliberal à brasileira

Demonstramos no primeiro capítulo que o futebol acompanhou, sobretudo a partir da Lei Bosman, os processos inaugurados no final da década de 1970 de internacionalização do capital e da formação de uma nova cultura política, caracterizando, assim, um esporte de alto atrativo financeiro. Nesse sentido, portanto, o futebol acaba sendo influenciado pela preponderância da nova economia capitalista do mundo contemporâneo, atraindo a cada vez mais vultosas cifras.

Segundo a socióloga norte-americana Wendy Brown (2015) o neoliberalismo promoveu uma vertiginosa “revolução silenciosa”, manifesta de forma contundente na transformação dos aspectos políticos regidos pelos ferramentais do mundo econômico. Além dos abalos externos pela qual passa a democracia, ela também sofre perturbações internas, desvirtuando os principais códigos produzidos por ela e impactando

decisivamente na vida dos sujeitos. Valorizar-se a si mesmo é a forma pela qual se materializa no âmbito individual a racionalidade produzida pelo neoliberalismo, ganhando contornos exponenciais no âmbito do futebol em contexto de pandemia, em específico o tratamento que os jogadores dão a este novo estado de coisas.

A transplantação dos princípios democráticos do universo político ao universo da economia faz com que a liberdade se torna um elemento oriundo do mercado, ou seja, que ela seja essencialmente marcada pela desigualdade. Segundo a autora, este fenômeno gesta uma profunda consequência para a sociabilidade humana:

Assim, no imaginário político neoliberal que sofreu uma reviravolta significativa, não somos mais criaturas de autonomia moral, liberdade ou igualdade. Não escolhemos mais nossos fins ou os meios para eles. Não somos mais nem mesmo criaturas de interesse que procuram incessantemente satisfazer a nós mesmos. Neste sentido, a construção do *homo oeconomicus* como capital humano deixa para trás não apenas o *homo politicus*, mas a própria humanidade (BROWN, 2015, p.41-42).

Na medida que a racionalidade neoliberal relega a humanidade a segundo plano, se retira de cena a preocupação acerca do social que o indivíduo haveria de ter em torno de si. No estudo empreendido por Dardot e Laval (2016) sobre o liberalismo e em específico a construção do pensamento neoliberal, os autores destacam que um dos maiores expoentes do neoliberalismo, o economista Friedrich Hayek, compreende por lei aquilo que se remete ao direito privado. Nesse sentido, só é possível criar uma sociedade justa a partir da seleção das regras de conduta. Ainda segundo o filósofo austríaco, as leis são produtos da experiência prática dos indivíduos, se sobressaindo o direito privado sob o direito público.

Essa forma de compreensão sobre os ordenamentos jurídicos e políticos que mediam os conflitos da sociedade civil enxerga o indivíduo como entidade máxima. A partir disto, a definição que Hayek confere ao conceito da liberdade é eminentemente negativa, ou seja, destacando a inexistência de qualquer tipo de coerção que possa impedir o indivíduo de realizar o que quer que seja.

Esse entendimento acerca do exercício da liberdade se hegemonizou no intelecto do sujeito contemporâneo. Ao ser profundamente impactado por esta racionalidade política, o futebol no contexto da pandemia sofreria abalos que colaboram para compreender suas intrínsecas relações. Desta forma, visando tanto a continuidade da prática desportiva quanto a mínima configuração de uma consciência possível, os jogadores precisariam manter os protocolos restritos, evitando que ocorresse surtos que

prejudicassem a performance do time. Ainda que se esperasse tal feito, no Brasil não fora algo de simples realização.

Pelo contrário, a cada vez mais se acentuou e continua acentuando o número de casos de jogadores que rompem as bolhas sanitárias de seus respectivos clubes e, em ambiente externo a seu trabalho, realizam eventos que levam um grande número de pessoas a um espaço não controlado, dispensando a utilização de máscaras, álcool em gel e distanciamento social¹¹. Somente no último mês de março foram identificadas três quebras de protocolos: o jogador Moisés do Internacional em uma festa de aniversário (ESPN, 2021); o atacante Gabriel Barbosa do Flamengo em um cassino clandestino (MAIA, 2021); o lateral-esquerdo da Ponte Preta Yuri, em uma festa realizada pelo próprio jogador que revelou o gênero de seu filho (GLOBOESPORTE, 2021). Ainda que o peso e as consequências dos atos de cada um dos jogadores foram tratados de forma diferente pela mídia, todos eles concebiam algo em comum: o exercício de sua liberdade, no qual nenhum mecanismo político pode produzir interferências nesta maximização do eu.

Além do fato de que a construção da liberdade negativa requer que não haja algum poder que limite a vontade de fazer o que queira, ela não considera os riscos e consequências de tais atos. Fincados no presentismo, tais aglomerações produzem grandes prejuízos para a saúde coletiva, na medida em que mantêm o vírus em circulação, aumentando os números de infecções e mortes.

O sujeito do universo do futebol que se compreende como um “sujeito empresarial”, buscando sempre a maximização de sua produtividade, lucratividade e ganhos exponenciais em suas relações sociais – e, logo, promovendo práticas sociais que contrariam a lógica de contenção da pandemia –, é impactado por um outro formato de racionalidade que o aliena da realidade social. Conforme destaca Wendy Brown (2006), a racionalidade neoconservadora atua nas mesmas perspectivas produzidas pelo neoliberalismo, aprofundando os cenários já devastadores na política, na economia e, principalmente, nos indivíduos.

¹¹ Essa prática não se restringe somente aos jogadores profissionais de futebol. Há um grande contingente da população brasileira que, ao colocar em prática o exercício pleno de sua liberdade, promove aglomerações indevidas. Ainda que a prática e as motivações sejam comuns, o que temos tentado destacar é o lugar de conforto que os futebolistas se sentem, na medida que têm acesso a medidas sanitárias que o grosso da sociedade brasileira não possui (alimentação adequada, médicos a disposição, realização contínua de testes, etc.).

Seu surgimento não se deu de forma homogênea e tampouco nasceu a partir de movimentos religiosos. No entanto, sua ligação póstuma com a religião provocou uma adesão massiva a bases populares, proporcionando as facetas autoritárias deste novo fenômeno político. Nesse sentido, à medida que o neoliberalismo da vitalidade ao surgimento e consolidação do neoconservadorismo, a mobilização em torno da religião torna-se um elemento propulsor. A fusão entre religião e política, portanto, realiza a consagração das racionalidades neoliberais e neoconservadoras de forma contundente.

Devido a sua eminente configuração antidemocrática e anti-intelectualista, a racionalidade neoconservadora dispensa a grandeza e o significado dos fatos. Com isso, o risco eminente passa a ser uma retórica política por parte de grupos de poder, fazendo com que os neoconservadores sejam os porta-vozes de uma “verdade declarada”. Diminuindo o risco ou se beneficiando de um lugar que o impacto do coronavírus seja diminuto, o casamento das racionalidades neoliberal e neoconservadora se dá sem muita implicação no futebol, dado que, de um lado, sua busca ao divertimento é uma das dimensões da liberdade negativa; por outro lado, esta classe de futebolistas adere de modo enfático a estes segmentos religiosos, devido a sua formatação ideológica em melhor apreender as contradições do que significa tornar-se jogador de futebol.

3.4 A megamáquina do futebol: a necessidade de continuar

Segundo Luciano Gallino (2011), “megamáquinas sociais” sempre existiram. Por definição, elas são responsáveis por maximizar a extração de valor de seres humanos, em específico sob o formato de capitais. Na sequência de sua definição, o autor ainda afirma que a “megamáquina” do capitalismo financeiro foi responsável por se estender de maneira como nenhuma outra máquina fora capaz antes, alargando seu campo de atuação e influência para os demais segmentos culturais e sociais da sociedade.

Neste sentido, o futebol seria um elemento que não escaparia de tal tendência. Ainda que os propósitos de seu surgimento sejam completamente distintos e distantes de sua configuração atual, é um esporte que, na sociedade contemporânea, formata mentalidades e comportamentos de seus sujeitos, seja isto realizado de forma direta ou não. Com isso, apesar de o futebol do século XXI trazer consigo um capital cada vez mais ascendente nas ligas de alto rendimento, ele realiza uma gigantesca extração da mão de obra trabalhadora: um dos claros exemplos desta bem sucedida ação ideológica reside no

fato de que os profissionais deste segmento pouco se compreendem como uma classe que compartilha visões de mundo em comum.

No contexto de pandemia, a “megamáquina” do futebol permanece demonstrando seu desapego com a vida e sua preocupação com os rendimentos a serem obtidos. Visando o lado mais “normativo” da questão, a inquietação se referia as bases materiais de arcar com altos salários de profissionais em um momento em que a paralisação freava qualquer fonte de obtenção de renda. Por outro lado – e provavelmente aqui reside a dimensão sociológica mais importante deste fenômeno –, o futebol é uma das mais proeminentes esferas de extração de valor no mundo desportivo, se justificando a partir do problemático retorno de vultosos salários.

Nesta presente lógica extrativa, jogar futebol é compreendido como uma necessidade que nenhum de seus protagonistas pode escapar. A megamáquina do futebol, ao ter uma intrínseca relação com o capitalismo financeiro da sociedade contemporânea, insere a demanda da continuidade do futebol neste contexto de pandemia a partir de sua lógica interna. Logo, sua racionalidade obedece aos seguintes requisitos: não importa a quantidade de vidas que o futebol pode dispensar, o que de fato permanece fundamental é que não se perca de vista seu potencial de extração de valor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideologia total em Karl Mannheim (1956) nos leva ao entendimento de que o intelecto dos sujeitos é construído a partir de inúmeras manifestações históricas, políticas e econômicas. No atual panorama da pandemia do COVID-19, por exemplo, vem sendo elaborado toda uma orquestração cognitiva no qual evidencia a realidade vivida pelos sujeitos, alargando o fosso dos problemas sociais inaugurados pelo capitalismo nos últimos dois séculos.

Em relação aos propósitos deste trabalho, cabe aqui deixar claro algumas questões. Em primeiro lugar, no âmbito do futebol, por que há uma grande quantidade de horas dispendida para seu tratamento na sociedade brasileira?

Tentando responder esta pergunta, procuramos demonstrar que a originalidade do capitalismo, em comparação com qualquer outro regime político, é sua capacidade de reinvenção. Nesse sentido, não há atividade humana ou produção cultural que escape da tendência em transformação em mercadoria. Para tanto, não só a análise do jornalismo esportivo que é “vendida”, como também se oferta ostensivamente bens materiais e imateriais que buscam realizar a máxima satisfação do indivíduo na contemporaneidade. É possível estabelecer, portanto, uma primeira afirmação: a importância de estar a todo momento inserido no universo do consumo, distanciando de seu horizonte sua natureza política.

No entanto, o processo de significação social do mundo operada pelo jornalismo esportivo não para por aí. A compreensão de que o neoliberalismo é também uma forma de racionalidade, ou seja, responsável por construir concepções e representações de mundo que possuem um determinado sentido e significado – de forma correlata, a razão do capitalismo neoliberal opera conforme a ideologia total de Mannheim –, leva ao jornalismo esportivo produzir estigmatizações e reificações do jogador de futebol. O emprego de termos como “pé de obra”, “exportação”, “joias brutas”, como tantos outros, retira de plano a dimensão humana do profissional, identificando como algo mecânico que a todo momento, e não importa as circunstâncias, deve entregar um resultado que seja de alto rendimento.

A construção histórica que procuramos estabelecer nos leva ainda a identificar um importante elemento da sociedade contemporânea: o seu caráter apolítico. Este sintoma histórico se faz sentir a partir da eleição de inúmeros personagens políticos que negam de forma contundente o universo da política, seus meios institucionais e culturais. Tal

fenômeno se manifesta no jornalismo esportivo em duas diretrizes: de um lado, a constatação corriqueira de que os jogadores de futebol não se posicionam politicamente ante aos problemas sociais – não se busca estabelecer os nexos que levam a tal panorama, mas uma acusação que tem um fim em si mesma. Por outro lado, há um grande contingente de torcedores que os pressionam para a manutenção do apolitismo, dado que se compreende que futebol e política não possuem elementos de fácil aproximação.

No âmbito de um importante aspecto do futebol europeu, as torcidas *ultras*, foi possível identificar que a ideologia do apolitismo se faz presente, ainda que contivesse em si uma contradição aparente: as condições sociais e políticas que garantiram o seu surgimento permitiram que esta tivesse fortemente vinculada com movimentos sociais que tinham por finalidade uma participação ativa nos ambientes políticos. No entanto, a sociedade globalizada que se faz presente a partir da década de 1980 promove a radicalização de tais movimentos, no qual estes passam a ser identificados com movimentos de extrema direita.

Por fim, se procurou demonstrar, conforme destacado, que a pandemia do COVID-19 apresenta inúmeras características da sociedade contemporânea. No panorama do futebol ela impacta e confirma o que Luciano Gallino (2011) compreende como uma “megamáquina” social: com isso, a interrupção de suas atividades não é uma alternativa, dado que a necessidade da manutenção de uma vultosa cifra se faz presente em todas as suas dimensões. A propósito do conceito do sociólogo italiano, ele é adequado, dado a relação entre o capitalismo financeiro – o *finanzcapitalismo* – e o futebol de alto rendimento, que a cada vez mais possui a presença deste importante setor econômico.

Ainda que tais dimensões buscam compreender os elementos sociais que a racionalidade neoliberal do capitalismo impacta, não se buscou aqui esgotar o tema. A complexa configuração do futebol permite que se aprofundam e esclareça novas questões que são sempre candentes no seu meio.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. How to look at television. *In: The culture industry: selected essays on mass culture*. London: Routledge, 2001.
- ADORNO, T.W.; HORKEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- AFONSO, N. É antigo vídeo de Drauzio Varella minimizando isolamento contra novo coronavírus. **Piauí**, Rio de Janeiro, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/22/drauzio-salles-coronavirus/>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- ARAÚJO, A.; VIEIRA, A.L. As Visões Historiográficas sobre o “pão e circo”: a *plebs* no contexto político-social da Roma Imperial, séculos I – II d.C. **Revista Mundo Antigo**, v.4, p.27-47, 2015.
- BECK, U. **Sociedade de risco. Rumo a uma outra modernidade**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. Losing the Traditional: Individualization and “Precarious Freedom”. *In: Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences*. London: Sage, 2002, p.15-40.
- BOSMAN, J-M. I think I did something good – I gave players rights. Entrevistador: James Riach. **The Guardian**, 12 dez. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2015/dec/12/jean-marc-bosman-players-rights-20-years>.
- BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? *In: Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.136-153.
- BROWN, W. American Nightmare. Neoliberalism, Neoconservatism, and De-democratization. **Political Theory**, v.34, n.6, p.690-712, 2006.
- _____. **Undoing the Demos. Neoliberalism’s Stealth Revolution**. New York: Zone Books, 2015.
- _____. Who is not a neoliberal today? Entrevistador: Jacob Hamburger. **Tocqueville** 21, 18 jan. 2018. Disponível em: <https://tocqueville21.com/interviews/wendy-brown-not-neoliberal-today/>.
- BUFREM, L. A pandemia da COVID-19 no Brasil. **PSP & Inovação**, v.7, p.101-120, 2020.
- CABANAS, E.; ILLOUZ, E. Rekindling individualism. *In: Manufacturing Happy*

Citizens: How the Science and Industry of Happiness Control our Lives. Polity, 1. ed., 2019.

CAMINITI, L. Il populismo nel calcio è persino peggiore del populismo in politica. **Osservatorio Repressione**, 21 abril. 2021. Disponível em: <<http://www.osservatoriorepressione.info/populismo-nel-calcio-persino-peggiore-del-populismo-politica/>>. Acesso em: 05 mai. 2021.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUGNANI, P. Hipermodernidade e a desaceleração do ritmo de vida provocada pela Covid-19. **Comunicação e Inovação**, v. 21, n. 47, p.216-231, 2020.

EHRENBERG, A. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa.** Aparecida: Ideias e Letras, 2010.

ERIKSEN, T. H. Steps to an ecology of transnational sports. **Global Networks**, v. 7, n. 2, p. 154–165, 2007.

ESCHER, T.; REIS, H. Os supostos espaços de discussão futebolística na televisão: as “mesas-redondas”. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.34, n.1, p.197-216, 2012.

ESPN. Internacional: polícia encerra festa de aniversário de Moisés após denúncia de aglomeração. **Espn**, São Paulo, 12 mar. 2021. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/8315006/internacional-policia-encerra-festa-de-aniversario-de-mois-es-apos-denuncia-de-aglomeracao. Acesso em: 10 abril. 2021.

ESTADÃO. Covid-19: Entenda o que aconteceu em Manaus. **Estadão**, 15 jan. 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,covid-19-entenda-como-manaus-chegou-ao-colapso-na-saude-novamente,70003582359>. Acesso em: 10 abril. 2021.

FLORENZANO, J.P. A Babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras. **Revista de História**, n.163, p.149-174, 2010.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra.** 3. ed. Porto Alegre: Editora L&PM, 2004.

GALLI, C. La globalizzazione. In: **Spazi politici. L'età moderna e l'età globale.** Bologna: Mulino, 2001.

_____. Globalization. In: **Political Spaces and Global War.** Londres: University of Minnesota Press, 2010.

GALLINO, L. **Finanzcapitalismo. La civiltà del denaro in crisi**. Torino: Giulio Einaudi, 2011.

GLOBOESPORTE. Ponte Preta multa lateral Yuri, recém-recuperado de Covid, após fotos em evento com aglomeração. **Globoesporte**, Campinas, 24 mar. 2021. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sp/campinas-e-regiao/futebol/times/ponte-preta/noticia/ponte-preta-multa-lateral-yuri-recem-recuperado-de-covid-apos-fotos-em-evento-com-aglomeracao.ghtml>. Acesso em: 10 abril. 2021.

GOAL. ¿Por qué se lesionan tanto los jugadores de futbol durante la pandemia de COVID-19? **Goal**, 25 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.goal.com/es/noticias/porque-se-lesionan-jugadores-futbol-durante-pandemia-covid/myxxtcf3tu3z1t19daul5jcs4>>. Acesso em: 05 mai. 2021.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. The interaction order. **American Sociological Review**, v.48, p.1-17, 1983.

HAN, B-C. **Nello Sciamè. Visone del digitale**. Roma: Notte tempo, 2015.

HOBBSAWM, E. **Era dos extremos. O breve século XX 1914-1991**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOFMAN, G. Contra Superliga Europeia, Athletic Bilbao busca expansão ‘glocal’. **ESPN**. Publicado em 12 de março de 2021. Disponível em: <http://www.espn.com.br/blogs/gustavohofman/776425_contra-superliga-europeia-athletic-bilbao-busca-expansao-glocal>. Acesso em: 20 mar. 2021.

KFOURI, A. O futebol sem treino venceu e muita gente prefere assim. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mar. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/andre-kfourifutebol-sem-treino-venceu-muita-gente-prefere-assim-1-24904820>>. Acesso em: 31 mar. 2021.

MAIA, D. Gabigol e MC Gui são flagrados em cassino de luxo de SP em ação contra aglomeração. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 mar. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/gabigol-e-mc-gui-sao-flagrados-em-cassino-de-luxo-de-sp-em-acao-contra-aglomeracao.shtml>>. Acesso em: 06 abril. 2021.

MANNHEIM, K. **Ideologia e Utopia. Introdução à Sociologia do Conhecimento**. Porto Alegre: Editora Globo, 1956.

- MARRAMAO, G. Tras Babel: identidad, pertenencia y cosmopolitismo de la diferencia. **CEPAL - Serie Políticas sociales**, n. 154, p. 1–33, 2009.
- MELO, L. O futebol africano na Europa: os casos de Portugal e França como destino migratório de jogadores das suas ex-colônias. **Revista Cadernos de Campo**, n.23, p.141-167, 2017.
- MEYER, T. et al. Successful return to professional men’s football (soccer) competition after the COVID-19 shutdown: a cohort study in the German Bundesliga. **Br J Sports Med**, n. 55, p.62-66, 2021.
- MUNDO DEPORTIVO. El COVID-19 golpeará a la industria del fútbol hasta 2024. *Mundo deportivo*, 07 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.mundodeportivo.com/futbol/internacional/20200807/482695859967/el-covid-19-golpear-a-la-industria-del-futbol-hasta-2024.html>>. Acesso em: 05 mai. 2021.
- NUNES, J.A. Erving Goffman, a Análise de Quadros e a Sociologia da Vida Quotidiana. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.37, p.33-49, 1993.
- OFFE, C. A democracia partidária competitiva e o “welfare state” keynesiano: fatores de estabilidade e desorganização. In: **Problemas estruturais do estado capitalista**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- PEDULLÀ, A. Agnelli: “Calcio, economia e politica sono al bivio. Perdita di incassi tra i 6,5 e gli 8,5 miliardi”. Alfredo Pedullà, 08 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.alfredopedulla.com/agnelli-calcio-economia-e-politica-sono-al-bivio-perdita-di-incassi-tra-i-65-e-gli-85-miliardi/>>. Acesso em: 05 mai. 2021.
- PIRES, B. Após resistir, futebol brasileiro se blinda contra coronavírus e suspende campeonatos. **El País**, São Paulo, 16 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-03-16/apos-resistir-futebol-brasileiro-se-blinda-contra-coronavirus-e-suspende-campeonatos.html>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- PRONI, M.W. A reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. **Revista Esporte e Sociedade**, v.3, n.9, 2008.
- _____. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. **Conexões**, v.1, n.1, p.82-94, 1998.
- PODALIRI, C.; BALESTRI, C. The ultràs, racism and football culture in Italy. In: BROWN, A. (org.). **Fanatics! Power, identity and fandom in football**. London: Routledge, 1998, p.88-100.
- PRZEWORKSKI, A. A social-democracia como fenômeno histórico. **Lua Nova**, n. 15, p. 41–81, 1988.

- ROBERTSON, R.; GIUALIANOTTI, R. Fútbol, globalización y glocalización. **Revista Internacional de Sociología**, v. LXIV, n.45, p.9-35, 2006.
- RODRIGUES, F.X.F. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 2007. 345 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- ROSA, H. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- _____. Das Virus ist der radikalste Entschleuniger unserer Zeit. Entrevistadora: Elena Matera. **Der Tagesspiegel**, Berlim, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www.tagesspiegel.de/politik/soziologe-hartmut-rosa-ueber-covid-19-das-virus-ist-der-radikalste-entschleuniger-unserer-zeit/25672128.html>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- ROVERSI, A.; BALESTRI, C. Italian ultras today: Change or decline? **European Journal on Criminal Policy and Research**, v.8, n.2, p.183-199, 2000.
- SAVENHAGO, I. Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo. **Verso e Reverso**, v. XXV, n.58, p.22-31, 2011.
- SIGOLI, M.A.; ROSE JUNIOR, D. A história do uso político do esporte. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v.12, n.2, p.111-119, 2004.
- SILVA, C. “Mesaredondização” da TV paga: são 18 programas por semana no mesmo formato. **Uol**, 28 mar. 2019. Disponível em: <https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2019/03/28/mesaredondizacao-canais-pagos-tem-18-programas-de-debate-por-semana/>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- SILVA, C. Opinião: ESPN perde identidade em lenta e dolorosa agonia. **Uol**, 16 ago. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2019/08/16/opiniaio-espn-perde-identidade-em-lenta-e-dolorosa-agonia.htm>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- SODRÉ, M. **O monopólio da fala; função e linguagem da televisão no Brasil**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- STREECK, W. Los ciudadanos como clientes. **New Left Review**, v.76, p.23-41, 2012.
- SZEMBERSKA, A. „Il calcio è una metafora della vita” (Jean Paul Sartre). Metafora nel linguaggio della cronaca di calcio italiana nei quotidiani a stampa e on line. **Studia Romanica Posnaniensia**, v. 36, p. 127, 2009.
- TZIMINADIS, J.L.F. **Frenesi em suspensão: Em direção a um modelo crítico a partir da teoria da aceleração social de Hartmut Rosa**. 2018. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista,

Araraquara, 2018.

VASCONCELOS, P. Jornalismo esportivo sem esporte? A cobertura especializada na TV por assinatura durante a pandemia de COVID-19. *In: 43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2020, Virtual. **Anais eletrônicos**, 2020, p.1-15.

VIANA, E.; CASTELLO BRANCO, I.; MALESON, R. Brasileirão tem 320 casos de Covid-19 entre atletas e técnicos; veja os times mais afetados. **Globoesporte**, Rio de Janeiro, 28 fev. 2021. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/brasileirao-tem-320-casos-de-covid-19-entre-atletas-e-tecnicos-veja-os-times-mais-afetados.ghtml>. Acesso em: 01 abril. 2021.

ZARKO, R.; SCHMIDT, T. Três em cada 10 árbitros do quadro nacional foram infectados pela Covid na temporada 2020. **Globoesporte**, Rio de Janeiro, 01 abril. 2021. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rj/futebol/noticia/tres-em-cada-10-arbitros-do-quadro-nacional-foram-infectados-pela-covid-na-temporada-2020.ghtml>.

Acesso em 05 abril. 2021.